

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

70307

(Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, fundada em 1863)

Proprietaria e editora a Associação

Commissão redactora: — Ascensão Valdez, A. Lamas, Rocha Dias

A responsabilidade dos escriptos publicados neste boletim pertence exclusivamente aos seus auctores.

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, absolutamente estranha a qualquer partido politico, tem como fim exclusivo da sua existencia guardar as preciosidades archeologicas e artisticas, sejam ellas de que natureza forem, disseminando por toda a parte e por todas as formas, o amor da archeologia e da arte.»

OS DEUSES IGEDITANOS

ARENTIUS E REVELANGANITÆCUS

As lapides com os onomasticos lusitanos de *Arentius* e *Revelanganitæcus* procedem da provincia da Beira Baixa, da antiga região dos *Igeditani*, cuja capital, de ignota denominação, deve ter sido a cidade que, no tempo dos barbaros, se chamou *Egitania* e hoje é Idanha-a-Velha.

Os primeiros destes monumentos, aqueles de que me ocupei em *O Archeologo Português* (xiv, 169), foram encontrados em 1904; dois por mim proprio, outro por um amigo meu da mesma região beirôa, ao qual os meus achados archeologicos haviam despertado verdadeira paixão; este ultimo monumento, apenas recolhido, foi-me enviado para Lisboa.

Sobrevindo a confecção do 2.º volume das *Religiões da Lusitania*, pelo sr. dr. J. Leite de Vasconcellos, as inscripções dos deuses *Arentius* e *Revelanganitæcus* foram ahi relacionadas, como era justo e razoavel, o que não atingia minimamente os meus privilegios de descobrimento. Depois, em 1909, eu seleccionava um grupo de epigrafes da minha campanha archeologica da Beira Baixa, publicando o seu estudo monografico em *O Archeologo*

Português, e tirando uma separata com o titulo *Ruínas de ruínas* ou *Estudos Igeditanos I Elenco de epigrafia lusitano-romana A) Inscricções hierologicas.*

E' a interpretação, que lhes dei neste folheto, interpretação absolutamente concorde, quanto á leitura dos onomasticos mitologicos, com a do meu amigo e mestre, sr. dr. J. Leite de Vasconcellos, que venho no presente escrito explicar, desenvolver e defender.

Adoptarei, nestas minhas alegações epigraficas, a mesma ordem de ideias que segui, quando os meus prezados consocios da Associação dos Archeologos tiveram a benevolencia de me ouvir, na noite de 28 de fevereiro passado, em sessão da assembleia geral.

*

* * *

O nosso colega, sr. G. L. Santos Ferreira, publicou um folheto no qual, entre outras epigrafes latinas, que desprendeu do vol. II das *Religiões da Lusitania*, se ocupa das duas que primeiro revelaram á arqueologia nacional os deuse lusitanos *Arentius* e *Revelanganitæcus*. E' a pags. 20 e 21 das suas *Breves observações ácerca do metodo seguido no 2.º volume das Religiões da Lusitania para a leitura de certas inscrições latinas* (Lisboa, 1913)- que o sr. Santos Ferreira interpreta aquelas epigrafes por um modo, que eu considero fundamentalmente desacertado.

Por maior que seja o meu respeito pelas opiniões alheias e por mais cortezmente que as aprecie, isso não me inibe, dada a certeza scientifica com que estas impugno, de afirmar que, no caso presente, ellas atingem o ultimo estadio na escala das fantasias em materia epigrafica. Convicto, em todo o caso, da sinceridade do autor das *Breves Observações*, não posso, por isso, deixar aquelas lapides inermes, diante de uma contradicta que lhes é dirigida em nome da propria sciencia, na esperança de que o nosso prezado confrade reveja as suas opiniões, amadurecido o criterio no exame desprevenido das numerosas inscrições lusitano-romanas. *Verba volant, scripta manent*: eis a razão porque não me contentei com a exposição oral deduzida, perante os meus consocios, com o auxilio de calcos de papel; quiz deixar nas paginas do nosso Boletim a minha demonstração e defesa.

O deus Ærentius

a) O monumento referente a esta divindade é uma pequena ara granítica, em que se lê o seguinte (1): (Fig. 1)

ARENTIO
SVNVA
CAMALI·F
V S L M

N e T da 1.^a linha são letras conjunctas. A e M da 3.^a linha são também letras conjunctas.



Fig. 1

Foi encontrada em 1904 nas proximidades da Idanha a-Velha, por mim mesmo.

O sr. Santos Ferreira procede da fôrma seguinte na interpretação deste titulo (op. laud. p. 20).

1.^a linha: a série de 7 letras — A R E N T I O — é cesurada nos seguintes pontos: as duas primeiras letras A R para significarem

(1) Trad.: a Arencio, Sunua, filho (ou filha) de Camalo, cumpre satisfeito pela graça um voto (*Arch. Port.*, xiv, 174).

AR (*am*); a 3.^a letra E como abreviatura de E (*rigit*) = *erigiu*; a 4.^a letra N sigla de N (*ymphae*) no dativo, desconhecendo a existência do nexa NT, quero acreditar, por não ter examinado a própria pedra, que existe no Museu Etnológico (Belem); já nesta linha fica portanto uma letra por explicar, o T, que era a 5.^a; das 6.^a e 7.^a letras fez o sr. Santos Ferreira a leitura de IO, como está na pedra, dizendo que se trata da ninfa *Io*, palavra que não me consta que seja indeclinável e que, portanto, aposta a *Nymphae*, devia estar em dativo, a não ser que o nosso confrade queira mais uma vez descobrir aqui uma singular abreviatura, expedita solução para um método que não tem regras⁽¹⁾ e onde portanto tudo é lícito. E, desta forma, o sr. Santos Ferreira interpreta a 1.^a linha:

AR (*am*) E (*rigit*) N (*ymphae*) T (?) IO ?...

Além da impossibilidade desta leitura, como se verá no fim desta primeira parte do meu artigo, note se desde já que uma letra ficou por interpretar, o que, se é um óbice grave para a coerência da leitura, decerto não o é para o sr. Santos Ferreira, que, na sua erudita fantasia, encontrará alguma palavra latina capaz de se ajustar á inicial T.

Na parte restante da inscrição, as leituras não divergem. Portanto, o ponto concreto da questão é a primeira linha apenas.

Vejamos agora qual é a única lição possível e legítima das letras A R E N T I O. E' simples e totalmente o que lá está, sem cesura alguma, desde que também não ha indício algum epigráfico de abreviatura. E, sendo a ara votiva, como resalta do seu formulario, A R E N T I V S é o nome de uma divindade lusitana, desconhecida até 1904. Assim foi esta palavra lida pelo autor deste estudo desde o momento do achado e, feliz casualidade, assim se comprova com posteriores descobrimentos. São elles:

b) No museu da Figueira da Foz, ha uma ara procedente da Beira Baixa, em que se lê uma inscrição já publicada no *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, n.º 10, pag. 289 (1, 1909), em um artigo intitulado *Ara luso-romana consagrada ao deus Arencio por Santos Rocha* (Cfr. *Religiões da Lusitania*,

(1) *Io* declina-se pela 3.^a ou 4.^a declinação.

por J. L. de Vasconcellos, III, 209). Notem os meus leitores que aquelle insigne arqueologo, teorico e pratico, tambem leu *Arentius* e não pesa pouco esta opinião. Eis a epigrafe (1):

A L B I N V S
M O C V L I F
A R E N T I O C R O
N I S N S I E X V O
T O P I S R I N O E R C
A V I S M L

O formulario deste titulo tem algumas variantes, confrontado com o do acima descrito; o dedicante e a sua filiação vêm em primeiro logar nas duas primeiras linhas; segue logo na 3.^a linha A R E N T I O . . . e parte da palavra que se completa na 4.^a linha, limitada pela conhecida formula EXVOTO. Não se pode duvidar de que existe ali o onomastico do mesmo deus *Arentius*; seria uma fantasia antologica, uma hipotese inverosimil e insustentavel, querer que seja, por mera coincidencia casual e insignificativa, que nesta ara se encontram aquelas sete letras na ordem precisa para formarem, para nós outros, a palavra A R E N T I O , sem que de facto a formem, tal como na ara do Museu Etnologico. Se a sciencia epigrafica tolerasse taes processos de ler, deixaria de ser sciencia, isto é, um corpo ordenado de leis, de factos e de doutrinas acessiveis ao estudo e á verdade, para ser uma coisa insusceptivel de séria atencção. Mas quero notar que, nesta epigrafe, a 2.^a e 3.^a letras R e E da palavra A R E N T I O estão em nexu, indissolovelmente, e na interpretação do sr. Santos Ferreira, relativa á ara do Museu Etnologico, elas são lidas separadamente, como abreviaturas das duas palavras A (*ram*) E (*rigit*). E' isto possivel? Quererá o nosso consocio fantasiar aqui para as mesmas siglas, dispostas na mesmissima sequencia, significacção diversa? Será isto scientificamente legitimo? Que curiosa coisa que seria a epigrafia, se tal fosse licito!

Notarei mais que na mesma palavra ainda se encontra o nexu de NT, igual ao da ara do Museu Etnologico, nexu cuja segunda

(1) *Albino, filho de Móculo, a Arentio*, etc. O resto da inscripcção não nos interessa, e o calco, de que me valí, não me habilita a lê-lo.

letra não foi reconhecida pelo sr. Santos Ferreira. O resto da inscrição não tem para o nosso caso concreto outra importância que não seja a de limitar, com o inquestionável EXVOTO, a palavra provavelmente etnica ou geográfica que se segue a ARENTIO.

c) No museu de Castelo Branco, ha outra ara notabilissima, que comprova brilhantemente a unica leitura possivel do deus *Arentius* :

AREN^TIAE ET
AREN^TIO
MONTA
NVS
TANGI

Desfeitos os nexos paleograficos, encontra-se ARENTIAE ET ARENTIO MONTANVS TANGI... (1)

Notarei tambem o formulario, que é identico ao da ara do Museu Etnologico; em primeiro lugar, as divindades invocadas, depois o dedicante e a sua filiação.

E' porventura possivel, a quem quer que seja, ler aqui outra coisa que não seja ARENTIAE ET ARENTIO, dois dativos, um feminino, outro masculino, ligados racionalmente pela copulativa ET? E, note-se, dois dativos não diversos, mas inseparaveis, porque são a fórma masculina e a fórma feminina adjectival do mesmo onomastico! Repare-se ainda em que, nas tres aras, a palavra ARENTIVS aparece em uma só linha ou verso, inseparada e completa. Póde uma doutrina estar á mercê destes caprichos interpretativos, de character inteiramente subjectivo? Quem negasse que em todas as tres aras se celebra a mesma divindade lusitana *Arentius*, colocar-se-ia na irreductibilidade de só ceder a um argumento fantastico — ao testemunho afirmativo dos lapidários que gravaram, ha perto de 20 seculos, estas inscrições, e que para esse depoimento teriam de ser citados... além do tumulo!

E' de uma evidencia solar a leitura que o sr. Santos Ferreira

(1) A' (deusa) *Arenia* e ao (deus) *Arenio*, *Montano* [filho] *de Tangi* (no?) etc. (Vid. *Religiões da Lusitania*, pelo sr. dr. J. Leite de Vasconcellos, III, 208)

contesta, fatigando a sua imaginativa em perscrutar laboriosamente quaes as palavras latinas que podem adaptar-se a estas sete letras, dispostas invariavelmente na mesma ordem, em tres monumentos concordantes!

E' uma divindade inedita a que se nos revela? E'. Mas que importa isso? Acaso a historia não conquista, não descobre? Então tres aras contestes na apresentação do mesmo onomastico mitologico, colocado na mesma sintaxe de identicos formularios epigraficos, não demonstram convincentemente a autenticidade dessa palavra? Se assim não é, impossivel se torna conhecer a verdade historica! O vago, o incerto, o capricho, a adivinha, o logogrifo, eis o que pairava sobre todas as inscrições romanas, por mais simples que fossem, como a de Sunua! Todas as sciencias têm leis, têm regras; os processos, que não têm lei nem metodo, não constituem doutrina; dentro delles não pode haver discussão proficua; poderia dar-se, quando muito, uma disputa esteril, d'onde a verdade fugiria espavorida.

II

O deus *Revelanganitæus*

Vamos á outra divindade lusitana, primeiramente reconhecida na fórma REVELANGANIDÆIGUS. Apesar da extravagante denominação, a arqueologia lusitano-romana conta duas aras com este onomastico, e, como as outras de *Arentius*, da região do mesmo povo ou *civitas Igeditanorum*! Pode o espirito iconoclasta, por mais sincero e espontaneo que ele seja, aniquilar este factio palpavel da hierologia antiga?

Examinarei os dois monumentos.

1.^o — O primeiro monumento dedicado a esta divindade indigena foi encontrado no concelho de Idanha-a-Nova, em fevereiro de 1904. E' uma ara de que me ocupo em o *Archeologo Português*, xiv, 185. Estão nela gravadas as seguintes letras⁽¹⁾: (Fig. 2)

(1) *Recto, filho de Rufo, a Revelanganideigo, cumpre o voto.*

RECTVS
RVFI F
REVE
LANGA
NIDAEI
GVI·V·S·

Como li eu primitivamente esta epigrafe? A 1.^a e 2.^a linha não davam leitura nada dificultosa, nem novidade onomastica.



Fig. 2

As quatro linhas seguintes, porém, ofereciam embaraços, não só pelo desconhecido das silabas, como pela fractura que interceptára a 3.^a linha. Em todo o caso, o epigrafista hesitante procurava um dativo, que fatalmente o formulario exigia; além disto separava o VS finais, por serem designadamente siglas com interpontuação e corresponderem á clausula vulgar *V (otum) S (ol-vit)*, estando, demais a mais, no lugar onde deviam estar. Portanto, leu-se com grave provabilidade *REVELANGANIDÆIGVI*,

em dativo da 3.^a ou 4.^a declinação; era um onomástico inedito, mas não ha remedio senão perder a aversão aos ineditos em qualquer capitulo da arqueologia. Dentro dos limites indicados *a quo* e *ad quem* pela 2.^a linha e pelas duas ultimas letras da 6.^a, era isso o que dava o conjunto das letras situadas nas 3.^a, 4.^a, 5.^a e 6.^a linhas! Ninguem podia fechar os olhos a estas indicações epigraficas; a estranha palavra estava tão intencionalmente indicada pelo quadratario, como se este já presumisse... a moderna hermeneutica do sr. Santos Ferreira.

Não havia o direito de fazer cesura alguma a meio da palavra, como arbitrariamente procede o illustre autor das *Breves Observações*; começava por um R, terminava por um I; como dativo, pois, servia ao formulario. Segundo o sr. dr. Leite de Vasconcellos e H. Schuchardt (*Religiões da Lusitania*, por J. Leite de Vasconcellos, III, 213), este dativo corresponde ao nominativo REVELANGANIDÆIGVS. Em o *Archeologo Português* (xiv, 186) aduzi alguns exemplos para mostra que esta palavra, comquanto inedita, não era inteiramente extravagante na onomatologia iberica. D'aí o admiti-la. Isto, que eu então escrevi espontaneamente e desprevenidamente, vem agora bem demolde perante a intransigencia do nosso consocio para com as novidades hierologicas.

Comtudo, a interpretação do sr. Santos Ferreira é está:

1. RECTVS
RVFI·F (*ilius*)

Nestas duas linhas, não applicou o seu metodo o nosso prezado consocio. Em todo o caso, porque não se applica aqui o mesmo metodo de fazer quasi de cada letra uma sigla de abreviatura? Não é impossivel desencantar dos dicionarios palavras latinas que acertem áquelas letras. São conhecidos aquelles substantivos? Sim. E antes de o serem? Como se tornaram conhecidos, senão porque apareceram na literatura ou em outras inscrições, como succede com o, já agora, nosso *Arentius*?

Nas seguintes linhas, porém, não quiz o sr. Santos Ferreira ver uma divindade inedita, e eis como procedeu (*op. laud.*, pag. 21).

3	REVE	<i>Reve-</i>
	LAN (ti) GA	<i>lanti Ga-</i>
	NI (medis) DAE (mon) I	<i>nimedis daemoni</i>
	GVI V (otum) · S (olvit)	<i>cui votum solvit</i>

Inegavelmente engenhosa esta adivinha!

Mas com que base científica se fazem cesuras na 4.^a e 5.^a linhas, desprezando a indicação fornecida pela interpontuação, que o quadratario exprimiu bem significativamente apenas na 6.^a linha? O sr. Santos Ferreira procedeu a capricho; cesurou nas sibalas, a que acertava casualmente qualquer palavra preconcebida ou rebuscada e assim descobre um *daemon*, um *Ganimedis* e o conto do menino perdido (1).

E' visível que este processo, não tendo nada de seguro, mas sendo puramente casual e subjectivo, tanto pode adaptar se nos sitios que o interpretador escolheu, como em quaesquer outros. Desde que não ha uma razão, uma regra a seguir, mais que o acaso, a fantasia de quem lê, mais ou menos erudita, o processo deixa de ser scientifico para ser imaginativo, visto como onde não ha leis, não ha sciencia. Ninguem, posso asseverá-lo sem descortezia, que tenha o trato mais ou menos assiduo com inscripções romanas, ousaria forjar uma leitura tam extrascientifica! E já não insisto na transformação, que o nosso consocio crê poder operar á vontade de um G em C para lhe sair um CVI (*ao qual*), que demais a mais, pela sintaxe do formulario, débil explicação tem. A epigrafe é uma só oração gramatical, com um verbo correspondente (*solvit*) e o dativo expresso, sendo assim essa incidente uma excrecencia inverosimil.

Se s. ex.^a, no seu bom desejo de decifrar originalmente uma lápide romana, fosse examinar a pedra, o que é um habito que nenhum epigrafista despreza, não teria incidido nessa inexactidão

(1) «Ganimedes, por haver sido furtado em menino, tornou-se naturalmente advogado dos meninos furtados ou perdidos. Recto, pae amantissimo, teve a infelicidade de lhe desaparecer de casa um pequeno, talvez o unico herdeiro. Afficto, prometeu ao bom genio de Ganimedes levantar-lhe um altar, se o petiz apparecesse, e para o tornar propicio, foi-lhe dando o epiteto de revelans, como quem diz descobridor. Moveu-se o genio às lagrimas do papá, e porventura às do avósinho Rufo, e eis que entra pela porta dentro o pequenito que, afinal de contas, estaria em casa de uma visinha» (*Op. laud.*, p. 21).

de vêr um C onde está um G, bem nitidamente feito; e não se trocam indiferentemente estes dois caractéres; é preciso que da confusão se arranje um motivo fonético ou outro accetivel (1).

Vejamos agora quem tem razão, quem está na posse da verdade, se o sr. Santos Ferreira, decompondo a palavra litigiosa nas 3 ou 4 anómalas abreviaturas, se eu, cingindo-me ás regras epigraphicas e lendo o que lá está, isto é, REVELANGANIDÆIGVI, em dativo.

2.º — Em maio do referido anno de 1904 (e não 1900, como por erro tipografico vem a pag. 189 do *Archeologo Português*, xiv) descubro eu pessoalmente na região do mesmo povo ou *civitas Igeditanorum* (Proença a-Velha) a notavel lápide, de que vou occupar-me. Ella está agora tambem exposta no Museu Etnologico; lê se (2): (Fig. 3)

{VELANGANITAECO
 {T·HOSTIADELIGANDA
 {VCANVS·ADIEI·F·

Quando encontrei esta lápide, escrevi, cheio de alvoroço, ao sr. dr. Leite de Vasconcellos, que ficára em Lisboa, confessando-lhe que, deante dessa pedra, sentira calafrios de emoção, e pedia-lhe com impertinencia que cotejasse sem perda de tempo a leitura, que eu lhe transmitia, com a da ara de RECTVS, a esse tempo no museu de Belem. Era intuitivo que ellas se relacionavam e que uma confirmava a leitura. aliás já assente, da outra. O que, mêses antes, se me figurára muito provavel, adquiria o grau de incontestavel. Isto explicava a minha primeira emoção.

Em verdade, quem poderá negar que, em ambas as epigraphes, se trata do mesmo nome aborigine?

Esmiuçarei um pouco a questão. Deve ter-se presente que a

(1) Desgraçadamente, o nosso consocio não daria licença que se lhe aduzissem factos coligidos por E. Hübner.

(2) Cfr. *Religiões da Lusitania*, III, 209. Traduzindo:

Ao (deus) *Revelanganiteco* [cumpre um voto] com a victima que ha de ser ligada, *Lucano*, filho de *Adieio*.

Creio hoje que o *deliganda* não passa de uma metonimia.

pedra não está inteira e que a fractura atingiu o principio da inscripção, tornando incompletas as suas 3 linhas, o que o sr. Santos Ferreira decerto não contesta. Tratando se, pois, de completar a epigrafe, averiguemos que letras faltam na primeira linha, a unica de que tenho de ocupar-me, porque não quero sair fóra do ponto concreto da questão.

Nessa linha vê-se a seguinte série de letras :

VELANGANITÆCO

A quem lançar os olhos para toda a epigrafe e conhecer peor ou melhor o formulario e a syntaxe das inscripções votivas, logo se lhe figurará que a primeira linha constitue uma só palavra em



Fig. 3

dativo, com aquella desinencia ÆCVS, estudada (esta e outras) pelo sr. Adolfo Coelho na *Revista Lusitana*, I, na *Revista de Guimarães*, III, 169 e na *Revista Archeologica*, III, 1. E bastava isto para não haver o ousio de fragmentar o hispanico termo. Mas para o nosso consocio, esta impressão é anulada pela sua, sistematica quasi, relutancia em aceitar um novo astro no céu mitológico da Lusitania antiga. Com que sã razão?

Na ara anterior vimos o onomástico em dativo REVELAN-GANIDÆIGVI, demarcado com alto grau de probabilidade, visto que a palavra era desconhecida e fazendo parte, no logar proprio, dum formulario sabido da epigrafia romana. Surge nova lápide, em que se perfilam os seguintes caractéres: VELANGANITÆCO aparente dativo em perfeita concordancia com o estilo epigrafico da inscripção.

Que se pode julgar da clara analogia desta serie de letras? Poderá admitir-se que esta tão completa coincidência de silabas não representa a mesma palavra, levemente diferenciada na desinencia?

Verificando-se que esta segunda lapide está fracturada, poderá alguém deixar de completar a palavra atingida, com a silaba inicial que a primeira inscrição nos fornece, RE? Pois dada a aparente coincidência da syntaxe, com as duas palavras desconhecidas em dativo, não será o mais simples, o mais natural, ver nestes dois monumentos a mesma divindade? Para que rebuscar decifrações violentas, que nenhuma norma orienta? Tendo nós já visto, com o deus *Arentius*, tambem ignoto, confirmar-se o primeiro achado e a primeira leitura do nome por extenso com outros descobrimentos da mesma região, pode duvidar-se de que se dê agora o mesmo facto?

*

* * *

Encontrando-se nas inscrições latinas o nome das divindades do olimpo romano, a maior parte das vezes por extenso, e portanto mais prontamente legiveis para os homens que tinham imposto aqui a sua propria lingua, com que razão vamos dividir agora estas palavras em pedaços, para as sujeitarmos a uma laboriosa hermeneutica, em que o proprio nome da divindade, aliás de ordem muito secundaria, estaria em abreviatura? E' isto logico? E' uma regra de epigrafia, não deste ou daquele sistema, mas uma regra de bom senso, de são criterio, uma regra racional que por si se justifica, que as abreviaturas da epigrafia romana têm significações taxativas, porque a sciencia tem relacionado series de epigrafes, em que as palavras abreviadas em umas lapides se encontram em outras por extenso; nem de outra forma podia ser. Se não fosse assim, como adivinhar a significação de uma abreviatura? Ao acaso? Assim como na propria época romana, as abreviaturas eram correntes e conhecidas, e obedeciam a um uso admitido e seguido, tambem hoje a sciencia epigrafica, por meio do estudo aturado e comparativo de milhares de inscrições, possui esses segredos de leitura tão seguramente como então. Com que direito pode, pois, alguém lançar-se á leitura duma inscrição pelo

metodo impreciso, um tanto ou quanto charadístico, do sr. Santos Ferreira, metodo que não é metodo, mas a sua ausencia, simplesmente porque a palavra é nova e desconhecida? Não podem, pois, descobrir-se ineditas divindades na mitologia de um povo, que não nos deixou outra literatura além das suas inscrições? Pode algum afirmar que conhecemos já todas as divindades pre-romanas (1)?

Não me parece que este assunto possa ser objecto de litigio, tão claro, tão fundamentado elle é, com monumentos contestes. Como, pois, explicar uma divergencia tão radical entre os resultados da leitura do sr. Santos Ferreira e os da leitura do sr. dr. J. Leite de Vasconcellos e minha, pelo metodo que s. ex.^a chama, indevidamente, «hubneriano», quando elle é o de todos os tratados de epigrafia e o unico que corresponde á epoca a que se applica? (2) Confesso que, seja qual fôr a explicação deste fenomeno, eu tenho ainda a esperanza de ver o nosso prezado consocio, gastas algumas semanas em empregar a sua sagacidade e a sua erudição no estudo das centenas de lapides lusitano-romanas que existem nos museus de Lisboa, trazer a esta mesma associação, de que fazemos parte, a retratação sincera das suas leituras, que nenhuma sociedade arqueologica da Europa poderia perfilhar.

E termino com o trecho do prologo do livro fundamental de epigrafia romana, *Cours d'épigraphie latine*, por René Cagnat

(1) Ha bastantes inscrições capazes de prepararem o espirito do archeologo para as surpresas, que o inedito de alguns onomasticos poderia causar. Aduzo, por exemplo, esta: CAMALA AR || QVI F TAL || ABRIGEN || SIS · GENIO · T || IAVRAVCEAI || CO V · S · L · M . A estranha palavra adjectival TIAVRAVCEAICO está precisamente delimitada, além da interpontuação, pelo substantivo GENIO e pela clausula V · S · L · M . Aqui tem o meu prezado consocio uma divindade indigena ignota, com um onomastico cuja raiz é ibérica, como já demonstrei, e que, pela terminação, pertence á familia dos nomes em *aicus, ecus*, etc., como o REVELANGANITÆCVS (vid. *Arch. Port.*, XII, 36, e *Religiões da Lusitania*, III, 199). E' porventura licito ler outra coisa que não seja GENIVS TIAVRAVCEAICVS?

(2) Uma coisa noto no opusculo do sr. Santos Ferreira; não nos diz elle a base e as regras fundamentais do seu sistema de ler epigrafia latina, nem nos indica o tratado ou o autor que expõe este método, pseudo-novo e negativo, de interpretar inscrições romanas, como no tempo ido em que as leis epigraficas não constituíam uma sciencia com bibliografia propria.

(Paris, 1889), pag. xvii: «Or l'épigraphie n'est pas affaire d'intuition, mais bien de science et de pratique; on ne la devine pas, on l'apprend. D'abord, le style épigraphique est un style à part, qui ne ressemble en rien à celui des auteurs, même les plus succincts, c'est une écriture officielle et simple, où tout est arrêté, soumis à des règles constantes; où chaque partie de la phrase se présente toujours à la même place et suivant un ordre fixe. De plus, les inscriptions latines sont pleines d'abréviations, de sigles; et aucune connaissance, autre que celle de l'épigraphie, ne peut donner la clé de ces abréviations, *puis que l'on ne peut être sûr de leur valeur qu'après avoir trouvé le mot, dont elles sont la représentation, écrit en toutes lettres, à la même place, dans une inscription analogue.*»

E aqui tem o sr. Santos Ferreira, desvendado o segredo do metodo «hubneriano».

Lisboa, III, 1913.

F. ALVES PEREIRA.

P. S. Aos ex.^{mos} srs. M. de Paiva Pessoa e Pedro Fernandes Thomás agradeço os calcos, que se dignaram enviar-me das inscripções, respectivamente, dos museus de Castello-Branco e da Figueira da Fóz. Penhorou-me a solicitude de suas ex.^{as}

BIBLIOTHECA
DA
ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES
Edifício Historico do Carmo

Anotações artisticas e archeologicas

(Continuado do tom. XII, pag. 573)

As pinturas decorativas do novo edificio da Escola Medica

O Conselho Superior dos Monumentos, sob consulta do governo, emittiu o seu voto sobre os esbocetos das pinturas destinadas a ornamentar algumas das partes do novo edificio da Escola Medica.

Esse voto, se não foi desfavoravel, foi todavia, para assim dizer, suspensivo, pois o Conselho não se julgou habilitado, em presença das provas apresentadas, a dar o seu parecer definitivo, esperando que novos esbocetos revelem mais claramente o pensamento dos artistas.

Acatando a resolução do Conselho, não faremos, á falta de base, a sua critica, julgando comtudo, que elle procedeu prudencialmente, exigindo que os projectos satisfaçam cabalmente e que a obra final corresponda com fidelidade ao que d'elles se espera. O trabalho deve revestir o character da maior seriedade, e seria imperdoavel consentir-se, por parte de quem quer que seja, que o mercantilismo substitua o puro ideal artistico. Felizmente que os pintores, a quem está incumbida a ardua tarefa, além de homens de talento, são homens de probidade, e dão-nos garantia sufficiente de que, presando o seu nome, saberão e desejarão manter os creditos e a dignidade da arte nacional.

A obra é realmente difficultosa pela novidade do assumpto, com que os artistas estão pouco familiarizados. E' possivel que se procure evitar os obstaculos dando á execução pictorica uma

feição um tanto vaga, mas nós preferiríamos que em vez da allegoria e do symbolismo se escolhesse a realidade. A sciencia poderia e deveria ser a unica e essencial fonte de inspiração, e quer-nos parecer que a esthetica nada perderia com essa alliança, havendo, já se vê, o devido criterio e o devido bom gosto em saber consocial-as. Um modelo excellente, de primeira ordem, se pode apontar e ninguem recusará de certo o exemplo sublime do mestre: — é a lição de anatomia, de Rembrandt. Poder-se-hia, por conseguinte, reproduzir nas paredes do novo edificio assumptos similhantes.

Ousariamos lembrar os seguintes: — «uma lição de chimica junto da cabeceira do doente na enfermãria», «uma operação interessante», «uma experiencia num laboratorio», etc.

Esses quadros apanhados do natural, com toda a viveza das physionomias, teriam a vantagem de transmittir á posteridade não só diversas phases do estado scientifico actual, mas a representação ethnographica da classe profissional e escolar, com a expressão typica da sua espiritualidade.

Parece-nos superfluo observar que estes assumptos seriam indicados pelo corpo docente da Escola, estabelecendo-se entre elle e os artistas respectivos a mais adequada harmonia, fazendo-se concessões mutuas para que o resultado final da obra não peccasse pela excentricidade, pela falta ou pelo excesso de rigor historico, por uma tal ou qual incongruencia da verdade scientifica e do sentimento esthetico.

Outro assumpto que reputamos sobrelevar a todos, não devendo de modo nenhum ser excluido, seria a apotheose dos medicos portuguezes. Portugal não produziu, é certo, um d'estes genios que assignalam uma época e imprimem direcção nova á sciencia, mas é grande o contingente de homens notaveis, que tem fornecido nesta especialidade. Nas universidades e nas côrtes estrangeiras, portuguezes eminentes, com honra para si e para a sua patria, teem ensinado e praticado superiormente a medicina.

Para formação desta ala brilhante propriamos Amato e Zucuto, ambos usando do appellido patronymico de *Lusitano*, Thomé Rodrigues, Antonio Luiz; Garcia da Horta, Bernardino Antonio Gomes, Thomaz de Carvalho, Magalhães Coutinho, Antonio Maria Barbosa, Sousa Martins, Manuel Bento de Sousa, etc. De al-

guns d'elles não possuímos retratos, mas essa falta, poder-se-hia supprir rasoavelmente. Tanto Malhõa como Salgado são dois retratistas de pulso e qualquer d'elles levaria a cabo victoriosamente esta empreza, e o que Paul Delaroché fez no hemicyclo da Escola de Bellas-Artes de Paris com relação aos semi-deuses da pintura, fariam os nossos artistas com relação aos luminares da medicina portugueza. E quando se quizesse dar um *pendant* ao quadro que acabamos de esboçar, seria opportuno fazer a apothese dos grandes mestres estranhos, desde Hippocrates e Galeno até Pasteur.

Eis aqui, desataviadamente mas francamente exposta, a nossa opinião que não pretende impôr-se, porque lhe falta auctoridade, e que, nem mesmo que a tivéssemos, se ousaria impôr. Se alguma coisa ha n'ella de recommendavel, muito estimariamos que a aproveitassem, sem que d'isso nos ficasse a menor sombra de orgulho, antes apenas a ingenua satisfação de ter concorrido de algum modo para o aperfeiçoamento de uma obra, que pôde ficar luminosamente duradoura nos annaes da arte portugueza.

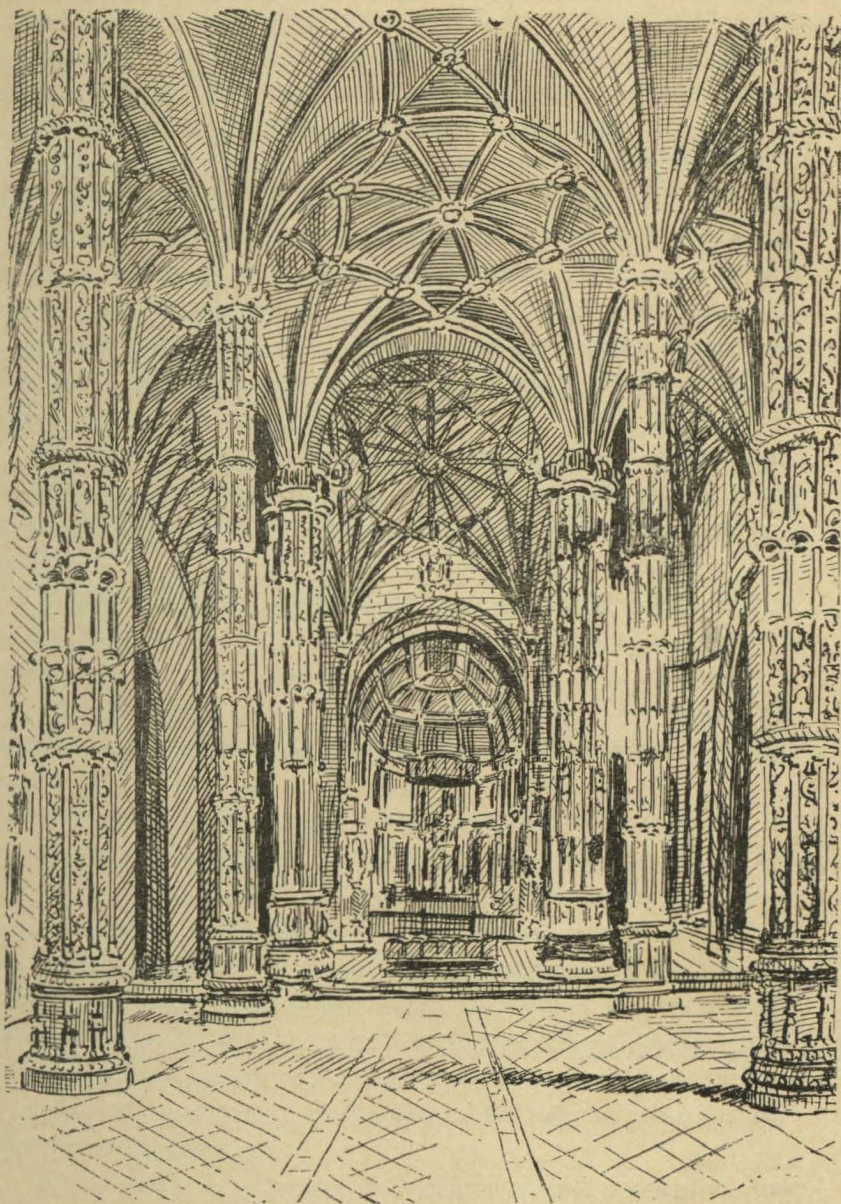
31-8-1901.

A capella-mór da igreja de Santa Maria de Belem

Ao estudar os monumentos e objectos artisticos do nosso paiz, surgem com frequencia problemas de diverso aspecto, uns curiosos, outros intrincados, alguns até porventura indecifráveis.

Mais de uma raça tem atravessado o solo portuguez, e, permanecendo nelle durante seculos, ficaram impressas as pegadas da sua civilização.

Nem todas ellas exerceram egual predominio, nem todas ellas deixaram rasto identico da sua passagem. Assim são muito mais numerosos os vestigios que contamos da civilização arabica, embora esta fosse a derradeira a lançar os fios na nossa urdidura historica. Em Portugal não se conhece nenhum edificio musulmano, que se possa comparar ao templo, chamado de Diana, em Evora. Já o mesmo não succede em Hespanha, que é um dos



Capella-mór de Santa Maria de Belem

mais ricos museus de architectura sarracena, opulentando-se algumas cidades, como Granada, Sevilha, Cordova e Toledo, com verdadeiras maravilhas artisticas d'aquella procedencia. Entre nós não ha uma fonte do Pateo dos Leões, que perpetue, no seu gotejar lacrimoso, o melancolico adeus de Boabdil.

Apesar da deficiencia ou quasi absoluta falta dos edificios genuinamente arabicos, não escasseiam comtudo no nosso paiz monumentos de importancia que attestam de sobejo a nossa actividade artistica, o nosso sentimento esthetico. E muito mais brilhante seria a representação do gosto e pericia nacional, se os frequentes abalos de solo, concorrendo com outras causas destruidoras, não tornassem a obra do homem tão pouco persistente.

No exame dos nossos monumentos a primeira questão que se levanta é saber se, em todos os tempos, ou, pelo menos, numa determinada época, lhes soubemos imprimir uma tal ou qual originalidade.

Obedeceríamos sempre á pressão das correntes estranhas, ou seguiríamos de algum modo, modificando convenientemente os modelos que se nos impunham?

Contribuímos, ainda que superficialmente, para alguma expressão nova da arte, ou não saímos nunca do papel de imitadores?

Por certo que não nos podemos orgulhar, como a França, de ter creado um estylo profundamente caracteristico, como o ogival, mas alguma coisa produzimos que impressiona agradavelmente e que surprehende até os observadores estrangeiros, alguns dos quaes chegam a assegurar, que conseguimos incrustar, nas linhas e nos ornatos do renascimento, os motivos da arte indiana. Esta asserção não nos parece inteiramente accetavel, porque o *estylo manuelino*, onde se pretende encontrar similhante enlace, já tivera os seus inicios no reinado de D. João II, antes do descobrimento da India.

São diversas as phases e as feições do *estylo manuelino*, mas crêmos que é no mosteiro de Belem e em algumas partes do convento de Christo, em Thómar, que elle se acha mais typicamente estereotypado. Em Santa Cruz de Coimbra e no bello portico lateral da Sé Velha da mesma cidade, notam-se differenças sen-

siveis, o que demonstra que o manuelino não foi um modelo uniforme e geralmente acceito. Cada mestre lhe imprimia a sua individualidade. Egual phenomeno succedeu no tempo de D. João I. A Batalha, o Carmo, de Lisboa, a Collegiada, de Guimarães, apesar de serem da mesma época, não se fundiram no mesmo molde.

Outra circumstancia curiosa é que o manuelino não se propagou pelo norte, ficando exclusivamente adstricto ás margens do Mondego. Apenas floresceu com certa exuberancia na sé de Braga, em Vianna e na matriz de Caminha, posto que n'esta ultima a influencia seja pouco sensivel. No Porto não se observa nenhuma reliquia do manuelino e apenas consta que a antiga igreja da Misericordia, completamente destruida, fosse edificada n'este gosto. Será isto devido á qualidade dos materiaes de construcção? Quer-nos parecer que não. O canteiro portuense lavra e esculpe o granito com summa habilidade, como se pôde vêr na actual igreja da Misericordia, na dos Clerigos, na da Ordem Terceira do Carmo e na escada monumental da Bolsa.

Voltando a Belem, o primeiro objecto da nossa indagação é saber quem foi o architecto primitivo.

Mestre Boytac, segundo a orthographia da sua assignatura, que bem nos denuncia origem franceza, é quem nos vem receber á porta. Em 1514 era elle quem estava dirigindo a obra, mas, tres annos depois, em 1517, era João de Castilho quem tomava a direcção geral, ou quem, pelo menos, exércia a funcção preponderante. Boytac não apparece mais nos roes das férias, tendo sido incumbido de outras missões, como ir visitar as praças d'África. Os ultimos annos da sua existencia artistica parecem ter terminado na Batalha, onde jaz enterrado ao lado de sua mulher. Seria elle quem deu a traça de Belem, acceitando-a João de Castilho com as alterações que julgasse convenientes?

Eis uma pergunta a que será impossivel responder, emquanto não apparecer algum elemento elucidativo, ou a propria planta, o que se nos afigura inteiramente problematico. O que é certo é que as obras tomaram um grande incremento em 1517, cooperando com João de Castilho outros artistas seus companheiros ou subalternos. Cabia-lhe, comtudo, a parte do leão. No rol das obras que se diz terem começado numa sexta-feira, 2 de janeiro daquelle anno, veem declarados os diversos empreiteiros e á testa d'elles

João de Castilho, que tinha á sua conta, com 110 officiaes, a crasta primeira, o capitulo, a sacristia, e a porta lateral.

Leonardo Vaz, empreiteiro do refeitório, tinha ás suas ordens 15 officiaes. Mestre Nicolau, empreiteiro da porta principal, devia trazer 11. Rodrigo Affonso, empreiteiro das tres capellas, devia trazer 10. O mesmo numero de officiaes incumbia a João Gonçalves, empreiteiro das tres capellas do côro. Entre os apontadores acham-se mencionados os seguintes:

Diogo de Castilho e Pero Gutterrez, apontadores do capitulo; Fernando de Ferosa da sacristia; Rodrigo de Pontezilha do portal do capitulo; Francisco de Benavente da crasta primeira; Pero de la Rota apparelhador de João de Castilho. A Felippe Amriquez e a Pero de Trilho não vem consignada nenhuma construcção especial ou officio.

Haverá acaso na igreja de Belem uma harmonia completa, uma homogeneidade de traça, como se esta tivesse sido riscada por um só punho, sem collaboraçãõ diversa? Este quesito não é meramente hypothetico e teria a confirmal-o a differença que se nota entre a porta de entrada, de mestre Nicolau, francez, e a porta lateral, de maiores dimensões e mais historiada, de João de Castilho, biscainho.

Parece-nos naturalissimo que um e outro imprimissem a cada uma d'estas portas o seu cunho individual.

Ora, sendo os dois principaes architectos de Belem, um francez, Boytac, e outro biscainho, João de Castilho, sendo os outros constructores e empreiteiros tambem estranhos, como mestre Nicolau, francez, Diogo de Castilho, Rodrigo de Pontezilha e Pero de Trilho, hespanhoes; Pero de la Rota, d'esta mesma origem, ou talvez italiano, como se comprehende que com estes elementos se viesse a formar um estylo nacional?

Isto, porém, pôde ter talvez plausivel explicação em diversas causas. Os artistas estrangeiros sentir-se-hiam influenciados pelo clima, pela sociedade, pelas correntes tradicionaes, pela visãõ das novas coisas trazidas das regiões desconhecidas e, sobretudo, pela importancia do momento historico que atravessãmos. Alguns motivos de ornamentaçãõ contribuem tambem ainda que secundariamente, para dar á architectura e ás artes accessorias e complementares uma feição bastante distincta.

N'este caso as divisas dos soberanos, como o pelicano de D. João II, a cruz de Christo e a esphera armilar de D. Manuel.

Que a igreja de Belem não era proporcional em todas as suas partes e harmonica no seu conjuncto parece fóra de duvida, pois a capella-mór era considerada exigua cabeça para tão grandioso corpo. Seja como fôr, o que é certo é que ella foi demolida, substituindo-a a actual, que fórma sensível contraste com o resto do templo. Quando se realisou o que nós hoje chamamos um attentado artistico, e que em seu tempo foi considerado uma obra meritoria? Antigamente os architectos não tinham o escrupulo de um Viollet-le-Duc e não se preocupavam, nas construcções ou acabamento dos edificios, em seguir á risca o estylo primitivo. Obedeciam ás ideias predominantes do seu tempo, não se importando com a falta de coherencia. Assim, ha edificios em que se observam todas as estratificações da arte.

O convento de Christo, de Thomar, por exemplo, é uma en-selada de todos os estylos, desde o romantico até o classico de-generado.

A capella-mór de Belem foi mandada construir pela rainha D. Catharina, viuva de D. João III, que ajustou a obra com Jeronymo de Ruão por oito mil cruzados. O contracto não existe ou não se conhece o seu paradoro, e, por isso, não se pode indicar com toda a exactidão a sua data. O que se sabe, porém, é que a obra estava em andamento em 1571, pois em 7 de março d'este anno era mandada abonar ao architecto a quantia de 54:000 reaes, á conta do que havia de receber. A edificação correu com extraordinaria e pouco habitual presteza. Tal foi a diligencia e empenho de Jeronymo de Ruão, que a rainha, querendo o gratificar, lhe fez mercê de 200 cruzados em 31 de março de 1572. Outras verbas pagas a artifices que executaram objectos complementares, como serralheiros, fundidores e latoeiros, confirmam a rapidez com que o trabalho corria.

Assim como o estylo da capella é differente do corpo da igreja, assim, querendo-se fazer obra mais delicada, se escolheram materiaes de maior preço. O calcario, o bello calcario, a quem os annos dão um bello tom pergaminaceo, ou de marfim antigo, foi substituido pelos marmores do Alemtejo.

Em 25 de junho de 1571 recebia Antonio Correia 224:960

reaes da pedraria que fôra buscar a Villa Viçosa, verba que seria descontada no ajuste feito com Jeronymo de Ruão.

Quem era este individuo, que assim vinculavá o seu nome a uma pagina interessante da architectura nacional?

Era filho de João de Ruão, um dos artistas que D. Manuel mandára vir de França para a reconstrucção de Santa Cruz e ao qual se attribue o magnifico pulpito d'aquella igreja. João de Ruão não era sómente esculptor, era tambem architecto, coisa commum n'aquelle tempo, e é provavel que aprendesse com elle as duas artes.

Jeronymo nascera em Coimbra, de mãe portugueza, e tinha outro irmão, Simão de Ruão, que estava na India, no tempo do viso rei D. Luiz de Athaide, ao qual prestou relevantes serviços, já como engenheiro e architecto militar, já como valente soldado.

A capella mór de Belem não é unica no seu genero no nosso paiz e póde competir com o bellissimo claustro, impropriamente denominado dos Filippes, no convento de Christo, em Thomar, o qual havia sido construido anteriormente por Diogo de Torralva. Não obstante o hybrido antagonismo que se observa entre a obra de Jeronymo de Ruão e a obra de João de Castilho, entendemos todavia que ella se deve conservar tal qual existe sem a modificar ou adaptar ao estylo antigo. Não crêmos que um architecto, por maior que seja o seu talento, pudesse levar a cabo, sem profanar ao mesmo tempo duas coisas, que, são ambas bellas, consideradas cada uma de per si, embora, no seu confronto ou approximação, offereçam uma tal ou qual repugnancia. Se tal operação se chegasse a realisar em Belem, a consequencia logica mandava que o mesmo processó se estendesse a muitos outros edificios do paiz. Quer-nos parecer que as vantagens não compensariam os inconvenientes, quando ainda houvesse a absoluta certeza de que o espirito architectonico moderno, por um phenomenal atavismo, reproduzisse perfeitamente o estado da alma dos architectos do primeiro quartel do seculo xvi.

○ presepio da Estrella

O Natal é a festa intima do lar, o culto da familia, a divinição da infancia.

A creança é o mimo, a graça, a delicadeza, a fragilidade, precisando de todos os carinhos, de todos os afagos, de todos os aconchegos, do bafo materno emfim, para poder resistir ás intempéries da vida.

E' a debilidade de hoje, mas é a força de amanhã. E' um sonho no presente e uma realidade no futuro. E' uma promessa, uma esperança, um botãosinho de rosa, que espera um raio de primavera e um sol estivo para desabrochar esplendida.

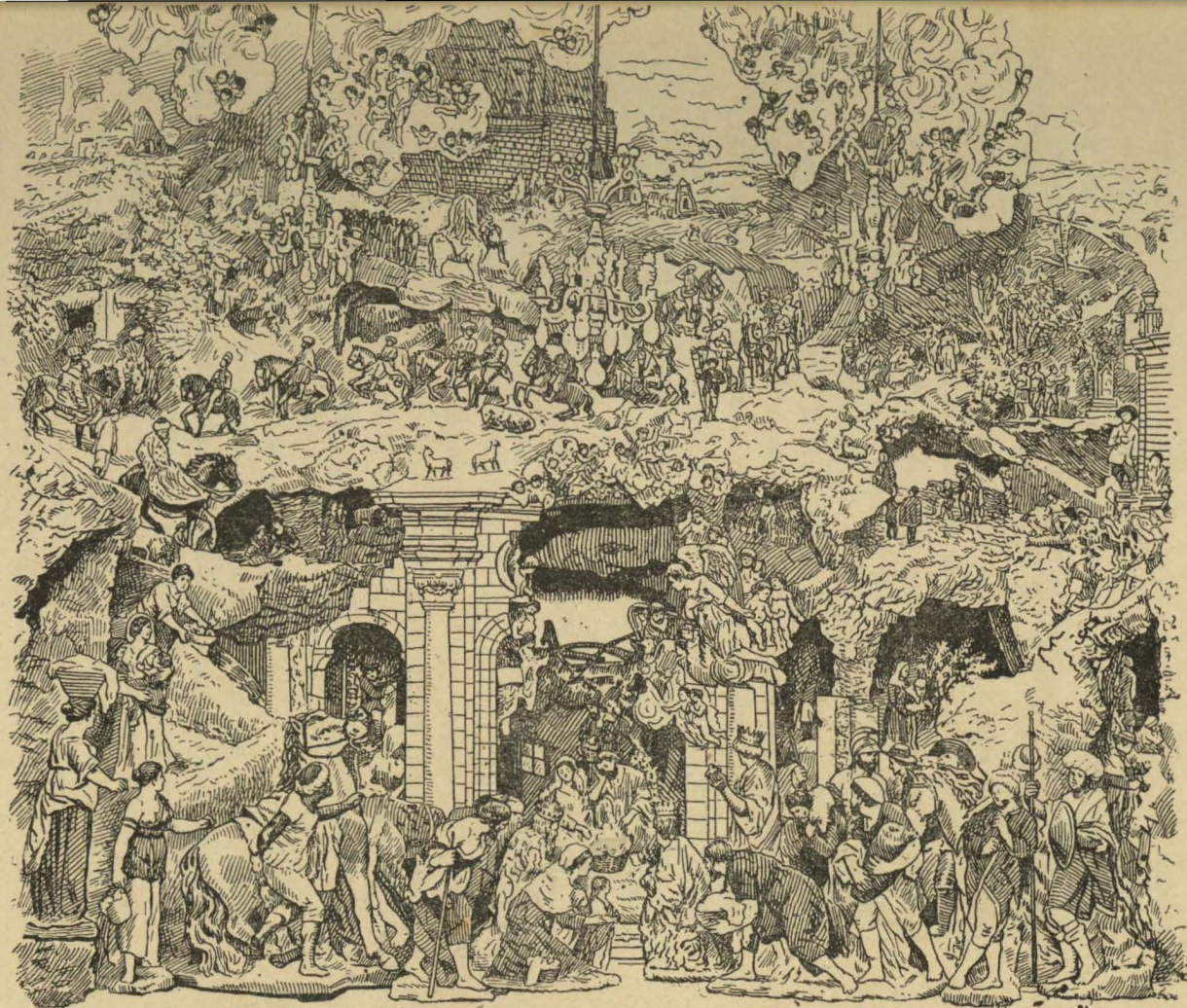
Foi por isso que o Redemptor veio ao mundo na fórma de menino, esse adoravel Menino Jesus, nascido n'uma cabana, deitado n'umas palhinhas, no convívio dos animaes domesticos que o bafejaram.

A choupana ou mangedoura de Belem tornou-se aos olhos dos crentes como um scenario de fadas.

Durante a Edade Media, ainda nos primeiros tempos da Renascença, nas cathedraes, nos paços dos reis, costumava-se armar o presepio, festa encantadora, que era geralmente seguida de representações comicas, de autos pastoris, de uma ingenuidade infantil. O nosso Gil Vicente foi mestre n'esta especialidade dramatica, que tanto deliciou as côrtes de D. Manuel, de D. João III e de D. Sebastião. Mais tarde os «Villancicos» substituiram os «Autos» e a musica, tão predilecta da casa de Bragança, exerceu o seu predomínio sobre a poesia.

Actualmente, a arvore do Natal vae substituindo tambem os presepios, que cahiram, pode-se dizer, em completo desuso, tanto nas casas religiosas, como nas casas particulares. No emtanto, elles gosaram a sua época de esplendor no seculo XVII e ainda no seculo XVIII.

Raro era o convento que não tinha o seu presepio. Um dos mais afamados, senão o mais notavel de todos, era o da Madre de Deus, deploravelmente vandalizado, e cujos fragmentos foram recolhidos no Museu de Bellas Artes. Em Lisboa existem pelo menos tres, de grande merecimento, e em bom estado de conser-



Presepio da Estrella

vação:—o da igreja da Estrella, que reproduzimos, o da Sé Patriarchal e o do extinto convento de S. Thereza de Carnide.

Assim como quasi todos os quadros dos fins do seculo xv e dos principios do seculo xvi se costumam attribuir, indistinctamente, e sem maior criterio, a Gran-Vasco, assim quasi todos os presepios se consideram obra de Joaquim Machado de Castro, o insigne esculptor, que se formou na escola estatuarica de Mafra e é o glorioso auctor do monumento equestre de D. José, que se admira no Terreiro do Paço. Embora a actividade d'este professor fosse incontestavelmente grande, era impossivel attingir tanta somma e variedade de trabalhos, que bem se via não pertencerem todos á mesma época nem ao mesmo estylo. Indubitavelmente houve uma serie ou escola de «barristas», alguns dos quaes não passariam de mediocres imitadores, tendo, porém, havido outros, antepassados legitimos de Raphael Bordallo, que souberam transmittir á inerte materia prima o sopro da sua inspiração.

Effectivamente ha muito que admirar n'essas composições grandiosas, para assim dizer panoramicas, tanto no seu conjuncto, como nas suas partes. Cada grupo, cada figura, merece um estudo especial. O presepio é uma especie de «kermesse» em barro, em que dançam, ao som do tamboril e da gaita de folles, dando-se as mãos fraternalmente, n'um convivio de burguezes e de pastores, a ingenuidade e a malicia. O crente e o caricaturista fundem-se na mesma corrente de humorismo e santidade. Muitos typos e muitos grupos são copias do natural, reproduzindo os homens, os costumes, os trajos e as tradições da época, mas outros são de pura phantasia, creações imaginosas do artista.

Os «Livros de Horas», ricamente illuminados em pergaminho, com fulgurante polychromia e scintillações de ouro, pelos quaes resavam as rainhas e as fidalgas, eram precedidos de um calendario, que tinha no topo de cada pagina correspondente ao mez, uma scena da vida campestre ou domestica. Os presepios são esses calendarios postos em vulto, n'uma animação esculptural.

Antes que o desdem e o scepticismo do presente acabem de destruir por completo esses monumentos pittorescos, tão cheios de sentimento religioso, como de sentimento artistico, tão bonacheirões e satyricos, tratemos de os salvar pela estampa, pela

gravura e pela descripção, perpetuando assim na historia da arte uma das suas mais interessantes manifestações.

Ou em frente do presepio ou em volta do sagrado pinheiro illuminado, festejemos alegremente o Natal, enchendo de alegria os nossos filhos, consolando o nosso espirito, tranquillizando a nossa consciencia com a ideia de ter cumprido um dever de caridade, dando uma fatia do nosso pão aos que teem menos do que nós!

25-12-1904

○ presepio da Sé

A igreja da Sé, notabilissima pela sua antiguidade e pela sua amplidão, destaca-se de quasi todas as outras igrejas, no tocante á capella mór, parecendo-se, sob este ponto de vista, com a do convento de Alcobça e com a do convento de Christo, em Thomar.

A capella mór é constituida por uma «charola» ou tabernaculo em roda da qual se levantam diversas capellas.

N'uma d'estas, que é hoje a terceira, sendo considerada a quinta no tempo de Carvalho da Costa, auctor da «Chrorographia» é onde está o presepio. Chamava-se de Santo Ildefonso, cuja imagem ainda se conserva no respectivo altar. Tem na talha dourada o brazão de armas de Portugal, Castella e Leão em duas pallas com a corôa real.

Este presepio requer um attento exame, pois segundo Volkmar Machado (*Collecção de memorias*, pag. 267), foi construido pelo insigne esculptor Joaquim Machado de Castro para o beneficiado Oliveira, que o doou á Patriarchal.

O sr. visconde de Castilho na sua «Lisboa Antiga», no volume em que descreve a veneranda e magestosa cathedral, extasia-se deante da obra de Machado de Castro, que teve um competidor, Antonio Ferreira, um dos mais considerados «barristas» portugueses.

O mesmo escriptor cita uma passagem da «Historia de S. Domingos», de Frei Luiz de Sousa, donde se infere que na igreja



Presepio da Sé

do convento das freiras do Salvador em Lisboa é que se armou em Portugal o primeiro presepio, expondo-o á adoração do publico. D'aqui se generalisou o exemplo á maioria dos templos de Lisboa e do reino.

Das casas particulares um dos presepios tidos em maior conta era o do palacio dos condes de Redondo, que ha bastantes annos se fraccionou, havendo colleccionadores que possuem alguns grupos que muito estimam.

A estrella dos Reis Magos parece ter-se extinguido de todo para os esculptores de presepios. E' mais uma fórma da arte christã que se perdeu.

6-1-1905.

BIBLIOTHECA

DA

ASSOCIAÇÃO DOS ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Edificio Historico do Carmo

⊙ embellezamento de Lisboa

Ha uns vinte annos a esta parte que Lisboa tem progredido consideravelmente dilatando a sua area e aformoseando se, embora sob este ultimo aspecto esteja bem longe de satisfazer as aspirações dos exigentes.

O nosso espirito insaciavel e desdenhoso, mais desdenhoso que insaciavel, não se contenta com facilidade e por isso critica, quando não deprime, os melhoramentos mais importantes. O nosso temperamento meridional não conhece de ordinario senão os dois extremos, e ora lhe dá para vêr tudo negro, ora para vêr tudo côr de rosa. A razão raras vezes se equilibra entre a apologia immoderada e a censura mordente, proferindo serena uma sentença imparcial e sensata. Tanto mal causa a lisonja como a acrimonia e cumpre evitar qualquer d'estes excessos, a fim de nem excitar a vaidade, nem provocar o desgosto e o desalento.

E' preferivel todavia a critica, ainda que mordaz, á complacencia hypocrita e ao silencio esterilizador.

Do embate è do contraste das opiniões é que resalta a luz, que nos pode servir de guia em qualquer vereda. A proposito dos melhoramentos de Lisboa são sempre bem vindas e dignas de applauso, embora á primeira vista pareçam disparatadas ou inequiveis por superiores aos nossos recursos. Por muito que nellas

se tenha a deitar fóra, nada mais natural que ainda fique alguma coisa que se possa aproveitar.

Um brilhante escriptor, caracterizado pela originalidade do seu estylo e pela audacia das suas opiniões, por vezes paradoxaes, transmíttiu-nos ultimamente a impressão que lhe causára a moderna Lisboa, sobretudo a Avenida da Liberdade, e expôz-nos de relance os planos que adoptaria para tornar a nossa metropole o ideal de uma cidade de primeira ordem. Já se vê que elle foi um tanto ou quanto visionario, no encaço da sua phantasia esthetica, não se lembrando que as palavras, ainda que valham ouro, não dão o ouro sufficiente para realisar os devaneios da imaginação fogosa, artistica, sonhadora do bello, em toda a exuberancia e plenitude. Os porticos, os arcos de triumpho, os viaductos magestosos, as estatuas e fontes monumentaes, não se traduzem na realidade material da mesma maneira como se improvisam no papel.

No entanto — força é confessal-o — com a parcimonia dos proprios e actuaes recursos, muito e melhor se poderia ter feito. A questão é pura e simplesmente de gosto e até de conhecimentos technicos. A Avenida da Liberdade, pelas suas dimensões e traçado é uma das mais bellas e amplas do mundo, e não ficaria inferior a nenhuma d'ellas se porventura as construcções que a marginam obedecessem a um plano de outra ordem e até a principios menos grotescos. Imagina-se que a architectura e artes correlativas, para offerecerem alguma novidade, devem adoptar as fórmulas do excentrico, e d'ahi as aberrações condemnaveis que se observam a cada momento.

Lisboa poderia ser uma cidade de fachadas monumentaes, e de palacios sumptuosos, como Vienna d'Austria, Veneza e Genova, mas nós preferiríamos a esta grandeza espectacular alguma coisa de mais modesto, de mais commodo e viavel.

A simplicidade das linhas e dos adornos não é inimiga da elegancia e um predio poderia impôr-se á admiração dos transeuntes pela nobreza das suas fórmulas singelas.

Quem entra na igreja de Alcobaça, ao extasiar-se deante das suas naves severas, sente uma impressão bem mais profunda, bem superior áquella que experimenta, quando entra num templo todo floreado e garrido.

Lisboa, pelo accidentado do seu terreno, pela sua situação á margem do Tejo, presta-se ás mais surprehendentes ornamentações scenograficas. Raras cidades apresentam tamanha variedade de perspectiva, uma série tão ininterrupta de panoramas deliciosos. Hoje é facil, com o auxilio da engenharia e da mechanica, com o desenvolvimento espantoso das artes metallicas, com a varinha magica da electricidade, aproveitar convenientemente as ondulações orographicas, consubstanciando o util e o agradável. Pontes arrojadas atravessando os valles, que fazem de Lisboa mais uma rede de povoações que uma cidade unica, viaducto e passagens de nivel de curvas elegantes, poderiam converter Lisboa num dos centros mais pittorescos, originaes e seductores do mundo.

Já mais de uma vez, e em diversas épocas, espiritos illustrados e impulsivos do progresso teem surgido, apresentando planos com o intuito de remodelar Lisboa.

Francisco de Hollanda, que conviveu na familiaridade de Miguel Angelo, escreveu um livro, cujo original se conserva na Real Bibliotheca da Ajuda, em que delineou diversos monumentos, que, no seu entender, faltavam para opulentar a esplendida cidade do Tejo. Entre elles distingue-se uma fonte monumental bastante caracteristica, pois na figura do elephante representava o nosso dominio no Oriente.

Tres seculos depois, nas columnas do *Diario de Noticias* e a proposito do edificio do correio, o engenheiro Miguel Paes desenrolava uma longa série de estudos sobre os melhoramentos mais indispensaveis a introduzir na nossa capital. Elle não possuia, decerto, a capacidade artistica de Francisco de Hollanda: era um espirito mais chão e mais positivo, e alguns dos seus projectos, mais ou menos modificados, teem entrado já no dominio da pratica.

Os bairros novos, com as suas desafogadas arterias, vão deixando num triste e deploravel isolamento os decrepitos bairros da Lisboa antiga.

Os archeologos, no seu culto idolatrico pelas eras remotas, folgam com este abandono e sentem-se convulsionados de medo quando imaginam que o barbaro camartello dos demolidores tenta profanar os recintos sagrados da Alfama e da Mouraria. Elles

teem razão, os archeologos, pois a furia dos iconoclastas derruba de preferencia o que tem uma significação historica e artistica, deixando de pé o velho, o repellente, o nauseabundo.

A hygiene, e até a justiça social, não podem, porém, consentir no contraste humilhante que se observa entre os bairros luminosos e arejados e os bairros sombrios e viscosos. Só miseraveis é que podem habitar casas insalubres, em ruas esconsas, que teem apenas um metro de largo.

Tudo, porém, se chegaria a harmonisar, usando do maximo escrupulo nas demolições, que seriam dirigidas por pessoas competentes e entendidas na materia. Mais ainda. O municipio deveria mandar reproduzir pela photographia e pelo desenho os objectos que offerecessem alguma singularidade, assim como as vistas geraes e parciaes das diversas ruas. E para que não ficasse um sensivel motivo de pezar aos senhores archeologos, tão attendiveis nas suas reivindicações, mandar-se-iam miniaturar em pasta os proprios bairros no seu conjuncto e nos seus traços mais salientes.

O presente não é inimigo do passado, é a sua natural continuação, e cumpre-nos respeitar a obra dos nossos avós, que não trabalharam unicamente para si, mas em beneficio tambem da posteridade.

26—11—1906.

(Continúa)

SOUSA VITERBO.

Relatorio da gerencia da Direcção em 1912

SENHORES E CONSOCIOS :

Ao fecharmos o relatório precedente, esboçámos o programma que era nosso intento realizar, tão integralmente quanto possível, no terceiro e ultimo anno da nossa gerencia — o de 1912.

Previmos logo que circumstancias independentes da nossa vontade se opporiam a que levassemos á pratica alguns dos seus pontos, o que, de facto, succedeu.

Assim, por exemplo, como os trabalhos de consolidação dos arcos que dividem as naves estiveram por muitos meses interrompidos, ainda neste momento se não acham terminados, de modo que não pôde, por emquanto, proceder-se á necessaria e urgente remodelação e catalogação do Museu, que, sem duvida por motivo, igualmente, das obras, continúa sendo menos visitado. A esse proposito, devemos informar que fomos ha pouco obrigados a sellar os respectivos bilhetes, esperando nós, comtudo, que em breve será apresentado ao parlamento um projecto de lei isentando dêsse imposto a nossa Associação, attenta a sua indole e o character scientifico e, portanto, educativo do seu Museu.

Tambem não lográmos imprimir e distribuir o novo diploma e fazer cunhar a medalha-distinctivo. Apenas os bilhetes de identidade deixámos impressos e preenchidos.

Para o diploma, tem, comtudo, quasi concluido um interessante desenho, que reproduz a bella porta manuelina da igreja da Conceição Velha, Francisco Soares O'Sullivand, que, depois de haver tentado aproveitar o portico das «capellas imperfeitas» da Batalha e o portal do historico e venerando edificio que a nossa Associação occupa, reconheceu que nem o primeiro, pelas suas proporções, nem o segundo, pela sobriedade da sua decoração,

poderiam ser aproveitados, tendo então optado pelo portal da igreja da Conceição Velha, que, a nosso vêr, satisfaz em absoluto.

Quanto á medalha-distinctivo, sómente accrescentaremos, ao que deixámos dito no relatorio anterior, que nos parece impossivel obter a somma necessaria para a cunhagem, sem que todos os nossos consocios entrem anticipadamente no cofre com a quantia que, depois de rigoroso estudo do assumpto, se estabelecer como preço de cada exemplar.

Procurámos, quanto possivel, contribuir para que se reorganizassem, e iniciassem os seus trabalhos, as secções. Não foram, neste ponto, completamente estereis os nossos esforços.

A secção de Heraldica, que tem proseguido com a mais louvavel assiduidade e o mais caloroso enthusiasmo nos seus trabalhos, elaborou e distribuiu profusamente um questionario, tendo obtido por esse meio uma larga colheita de informações, noticias e desenhos. O mesmo fez, embora com resultado menos brilhante, a secção de Paleographia, Diplomatica e Epigraphia. Reuniram-se tambem a secção de conservação e restauração de monumentos, que está elaborando um questionario referente ao assumpto de que especialmente se occupa, e a secção de Archeologia medieval, que trata, neste momento, de colligir dados para o inventario dos monumentos pre-romanticos, romanticos e ogivaes do nosso país. Durante o anno findo, uma nova secção se constituiu: a de Archeologia lisbonense, tendo a iniciativa partido, como sabeis, de Jesuino Ganhado. A nova secção tem trabalhado com afan e procura agora preparar uma exposição de obras impressas e manuscriptas, plantas, vistas e outros elementos de estudo referentes ao passado da nossa capital, — exposição que deve ser interessantissima e que muito é para desejar constitua um dos numeros do programma da celebração do 50.º anniversario associativo, que se completa, como sabeis, em 22 de novembro do corrente anno.

Iniciámos, com uma visita á Sé de Lisboa, dirigida por Francisco Soares O'Sullivand, as visitas de estudo que era nossa intenção promover, como accentuámos no relatorio anterior. Certos estamos de que os nossos consocios que houverem de succeder-nos na gerencia da Associação, hão de tomar a peito proporçio-

nar aos membros desta collectividade excursões e visitas, de que resulte um conhecimento mais perfeito da riqueza archeologica e monumental do país.

Reeleito bibliothecario, Francisco Nogueira de Brito accetou, depois de muito instado, o trabalhoso cargo, com a clausula de apenas velar pela conservação da nossa bibliotheca e de só encetar os trabalhos, indispensaveis, de remodelação e catalogação, quando houvesse um empregado que pudesse auxiliá-lo. Não permitem os nossos modestissimos recursos, como não ignoraes, que contratemos um empregado, não só para coadjuvar o bibliothecario, como para trabalhos de secretaria. E, no emtanto, a sua falta é cada vez mais sensivel. Só o governo, destacando para a nossa Associação um dos numerosos funcionarios burocraticos addidos, poderia remediar este gravissimo inconveniente.

Com sacrificio bastante pesado, temos occorrido ás despesas da publicação do Boletim. Ainda neste ponto o governo poderia auxiliar nos, adquirindo exemplares, ou ordenando a impressão gratuita da nossa Revista, na Imprensa Nacional. Em homenagem á memoria saudosissima de Sousa Viterbo, Adolpho Loureiro e Gabriel Pereira, publicámos um numero especial, collaborado por alguns dos nossos consocios e illustrado com primorosos retratos dos benemeritos extinctos.

No dia 29 de dezembro, effectuou-se, no cemitério occidental, a trasladação dos restos de Sousa Viterbo para jazigo proprio, mandado erigir pelas ex.^{mas} viuva e filha do erudito escriptor e archeologo. Gentilmente convidados pelas illustres senhoras a assistir a essa piedosa cerimonia, transmittimos o convite, pela imprensa, aos nossos consocios, que, em grande numero, nella tomaram commovidamente parte.

Por ultimo, registámos neste documento, com a mais profunda e sincera magua, o fallecimento prematuro e, para nós, inesperado, de João Rodrigues Fernandes, um dos secretarios da Direcção. Socio dos mais antigos e dedicados, Rodrigues Fernandes prestou valiosissimos serviços a esta aggremação, sobretudo na phase melindrosa e difficil da sua transformação, phase em que a lucidez da sua intelligencia, o seu bom senso, o seu espirito de conciliação, a sua prudencia e a sua longa pratica de assumptos associativos constituiram um elemento de altissima valia.

Accresce que, para nós, que com elle trabalhámos durante longo periodo, João Rodrigues Fernandes não era apenas um collaborador intelligente e laborioso: era tambem um amigo, — um amigo leal, dedicado, affectuoso. Duplamente sensível foi, portanto, para nós, a sua imprevista e subita perda.

Foi menos fecunda do que seria mister a nossa gerencia. Reconhecemo'lo e confessâmo'lo. Diz-nos, porém, a consciencia que sempre diligenciámos bem servir esta aggremação, a que votâmos o mais entranhado affecto.

Lisbôa, Carmo, em 15 de janeiro de 1913.

A DIRECÇÃO :

D. José Pessanha.

Eduardo Augusto da Rocha Dias.

Luiz d'Albuquerque de Bettencourt.

F. Nogueira de Brito.

Ernesto da Silva.

Jesuino Arthur Ganhado.

Francisco Soares O'Sullivand.

Contas da Thesouraria

Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Senhores

Em cumprimento do que determina o artigo 48.^o dos Estatutos da Associação dos Archeologos Portugueses tenho a honra de vos apresentar as contas relativas ao anno civil de 1912.

RECEITA

Saldo em caixa aos 31 de Dezembro de 1911			187 ^o 461
Importancia recebida pelas quotas dos Ex. ^{mos} Socios	246 ^o 000		
Pela venda do Boletim e de outras publicações pertencentes á Associação.....	10 ^o 320		
Juros do deposito no Banco Inglez até 31 de Julho de 1912	6 ^o 420	262 ^o 740	
<i>Producto de entradas no Museu</i> — Pela venda de 2248 bilhetes de 100 réis	224 ^o 800		
Idem de bilhetes de familia, 62 a 200 réis...	12 ^o 400	237 ^o 200	499 ^o 940
Somma.....	Rs.		687 ^o 401

DESPESA

Ordenados e gratificações aos empregados e percentagem ao cobrador	289 ^o 250		
Despesa com a publicação de 4 numeros do Boletim (Tom. 12) e outras publicações.....	179 ^o 185		
Subscrição para o Congresso Pre-historico de França em Angoulême Frs. 12.....	2 ^o 445		
Assignaturas	1 ^o 800		
Donativos annuaes.....	4 ^o 500		
Contas diversas	38 ^o 250		
Despezas miudas ao guarda	44 ^o 830	560 ^o 260	
Saldo para o anno de 1913	Rs.		127 ^o 141

No movimento de receita e despesa durante o anno de 1912 nada de extraordinario ha a relatar. Foi a receita, conforme o balancete junto detalhadamente indica, demonstrada em 24 documentos, incluindo o saldo do anno anterior Rs. 687^o401
 A despesa geral, comprovada por 89 documentos » 560^o260
 Saldo para o anno de 1913 » 127^o141

Sala das Sessões da Associação dos Archeologos Portuguezes no Edificio Historico do Carmo, em Lisboa, aos 15 de Janeiro de 1913.

Ernesto da Silva

Thesoureiro

Parecer da Comissão Revisora de Contas

Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Senhores

Cumprindo a missão de que honrosamente fomos encarregados, apresentâmos á illustrada e justa apreciação da Assembléa Geral o resultado da verificação das contas da gerencia do nosso Consocio Thesoureiro, Senhor Ernesto da Silva, no exercicio do anno civil de 1912.

A importancia da receita total no anno findo, foi de réis 499⁷940, que, junta ao saldo em 31 de dezembro de 1911, de réis 187⁷461, dá a quantia de réis 687⁷401; e a importancia da despesa, no mesmo anno de 1912, foi de réis 560⁷260, ficando d'esta fórma o saldo em cofre de réis 127⁷141 para o exercicio do corrente anno de 1913.

A vossa Comissão revisora de contas, no desempenho do seu mister, tem a honra de propôr á Illustre Assembléa Geral que seja manifestado ao nosso Thesoureiro um voto de louvôr pelos relevantes serviços prestados á nossa Associação, no seu trabalhoso lugar.

Sala das Sessões da Associação dos Archeologos Portuguezes no Edificio Historico do Carmo, em Lisboa, aos 3 de fevereiro de 1913.

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Senhor Presidente da Assembléa Geral da Associação dos Archeologos Portuguezes.

A Comissão revisora de contas

José Joaquim da Ascensão Valdez

Visconde da Torre da Murta.

ACTA N.º 78

Sessão de 31 de Janeiro de 1913

Pelas 9 horas e meia da noite de 31 de Janeiro, no edificio historico do Carmo, reuniu-se esta associação, sob a presidencia do sr. D. José Pessanha, secretariado pelos srs. F. Nogueira de Brito e Jacintho de A. Albuquerque de Bettencourt, com a assistencia dos srs. major Santos Ferreira, A. C. Mena Junior, J. A. Ganhado, A. de Gusmão Navarro e Luiz Filippe de Albuquerque Bettencourt, tendo justificado as suas faltas, por escripto, o sr. visconde da Torre da Murta e por intermedio do sr. Mena, o sr. Carvalheira.

O sr. presidente, depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior, communicou que por informação que lhe forneceu o architecto da camara municipal de Lisboa, e digno consocio sr. Soares, vão em breve dar entrada no museu as lapides sepulcraes retiradas da demolição da antiga igreja dos Anjos.

Disse tambem que o sr. conde de Burnay, a quem a Associação ha tempo officiou sobre o cruzeiro da quinta das Laranjeiras, já tinha ordenado, ao seu architecto sr. Couto, a reparação do citado cruzeiro.

Ambos estes factos são dignos de louvores e agradecimentos da Associação.

Communicou ainda que recebeu um telegramma do sr. dr. Julio Dantas sobre a encorporação no Archivo Nacional do archivo do cabido da Sé de Braga, dizendo que lhe parece ser de absoluta necessidade e urgencia que a associação se manifeste de modo coerente com o pedido em tempo feito para que se preservassem todos os archivos eclesiasticos.

O sr. Nogueira de Brito lê e fundamenta, sendo aprovada por unanimidade, a seguinte moção :

«A Associação dos Archeologos Portuguezes, compenetrada das beneficas intenções do sr. inspector das bibliotecas eruditas e archivos ;

Considerando que a encorporação dos documentos do cabido

da Sé de Braga, no Archivo Nacional, representa uma medida salutar, no sentido do preservamento dessas preciosidades diplomaticas;

Considerando que a harmonia dos interesses daquella cidade com os do primeiro archivo do paiz, se pode efectuar, procedendo a uma rigorosa selecção dos varios codices e documentos, des-trinçando bem a sua importancia local e nacional;

Considerando que os documentos do mesmo cabido deixam de interessar especialmente a Braga, para entrarem no dominio generico da historia do paiz;

Considerando ainda que no campo juridico, conjugado com o de investigação diplomatica, as proprias especies, particularmente referentes á cidade de Braga, não podem de forma alguma afirmar a sua posse á mesma terra, pela mesma razão, por que o facto de haver documentos espalhados pelo paiz, que se entendam com uma certa localidade, de modo algum implicaria a absurda remoção para os pontos a que se referem; a proceder-se assim, não haveria meio de assegurar colocação de especies de cujo teor se concluíssem relações historicas de varias naturezas; o que daria em resultado, por exemplo, ver se o inspector das bibliotecas e archivos na imediata necessidade de desmembrar os foraes, ou outras colecções identicas, fazendo-os transportar para as respectivas terras de que tratam;

Considerando, por fim, que o sr. inspector das bibliotecas não pretende mais do que salvar esses cartorios do seu aniquilamento, porque é bem certo, não ser a primeira vez que estas exigencias injustificadas se contradizem a ponto de mais tarde vermos abandonadas taes preciosidades;

A Associação dos Archeologos aplaudindo o sr. dr. Julio Dantas, em tudo o que ele fizer no sentido do preservamento dos cartorios eclesiasticos, resolve apoiá-lo moralmente nas suas resoluções sobre o archivo do cabido da Sé de Braga.»

O sr. Navarro narra, a proposito, o resultado das suas pesquisas na Guarda, quando ali esteve no verão passado, no sentido de encontrar o archivo da respectiva Sé, pesquisas absolutamente improficuas, pois que tal archivo desapareceu.

O sr. Ganhado propõe e assim é resolvido, que se officie á

delegação de Braga, dando-lhe instruções de modo a facilitar por todos os meios ao seu alcance a incorporação a que se refere a moção aprovada.

O sr. major Santos Ferreira recomendou ao estudo dos socios presentes um objecto de ferro existente no Museu Etnologico e ainda não classificado, mas que se tem julgado ser um antigo instrumento de suplicio. Faz esta recomendação por se lhe afigurar ser o dito objecto um candieiro de fortificação ou «almenara», aparelho usado pelos mouros e ainda pelos christãos dos primeiros tempos da nacionalidade portugueza para troca de sinaes nocturnos entre pontos fortificados, ou entre uma fortificação e as suas atalaias.

Observa que aquelles sinaes eram feitos por meio de emissões de luz e eclipses, fim este a que o objecto em questão se presta perfeitamente, ao mesmo tempo que contém disposição para a colocação da materia combustivel, que seria provavelmente esparto alcatroado.

O sr. presidente felicita calorosamente o sr. major Santos Ferreira, em nome da assembleia, que vivamente demonstrou o seu agrado, e marcando a proxima sessão para o dia 7 de fevereiro ás 8 horas e meia precisas, designando os trabalhos dessa sessão que se dividirá em duas partes, sendo a primeira administrativa e a segunda de estudo, encerrou esta ás 11 horas e meia.

Servindo de Secretario

JACINTHO D'A. ALBUQUERQUE DE BETTENCOURT

Vice-Secretario.

ACTA N.º 79

Sessão de 7 de Fevereiro de 1913

PRESIDENTE — D. José Pessanha.

SECRETARIO — Nogueira de Brito.

» — Jacintho d'A. A. Bettencourt.

Pelas 9 e $\frac{1}{2}$ horas da noite, de 7 de Fevereiro, no edificio historico do Carmo, reuniu-se em sessão administrativa esta Associação, estando presentes além da mesa, os dignos socios os

srs. S. da Silva Leal, Affonso de Dornellas Cisneiros, A. de Gusmão Navarro, Luiz Filippe d'Albuquerque Bettencourt e Ribeiro Christino, escusando as suas faltas, por intermedio do sr. Presidente os srs. Visconde da Torre da Murta, Ascensão Valdez, Ernesto da Silva e Rocha Dias, e por intermedio do secretario Bettencourt, os srs. dr. Antonio Bayão e major Santos Ferreira.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, passou-se á leitura do expediente que constava de :

1.º — Um officio do Inspector das Bibliothecas Eruditas e Archivos, agradecendo a moção que foi votada na nossa ultima sessão ; 2.º — um officio da Direcção da Caixa Escolar da Escola de Bellas Artes de Lisboa, pedindo auctorisação para os seus socios visitarem o nosso Museu, tendo sido dada a auctorisação pedida, com declaração do sr. Nogueira de Brito que disse entender dever ser dada apenas uma redução nos preços de entrada no Museu, por não ser assaz desafogada a situação financeira da nossa Associação.

O sr. Presidente communicou que deixava de fazer parte da Associação o sr. Victor Ribeiro, segundo uma carta que dirigiu aos seus collegas da Commissão Revisora de Contas em que dizia considerar-se desligado da Associação por ter propositadamente deixado de pagar as quotas de seis mezes consecutivos. Registou-se.

Ainda o sr. Presidente lêu os relatorios da Direcção e do thesoureiro, ambos ouvidos com geral agrado e o parecer da Commissão Revisora de Contas, que termina por pedir um voto de louvor ao zelo de que dá provas o sr. Thesoureiro.

O secretario Bettencourt propoz, e assim foi resolvido, que se lançassem na acta votos de louvor á Direcção, á Commissão Revisora de Contas e ao sr. Thesoureiro. Os tres referidos pareceres foram remettidos para a Commissão Redactora do Boletim, a fim de serem publicados no Boletim da Associação.

Passando-se ás eleições triennaes de todos os corpos administrativos, obteve-se o seguinte resultado :

Assembleia Geral :— Presidente, Dr. Alfredo da Cunha, 8 votos ; Vice-Presidente, Rosendo Carvalheira, 8 votos ; 1.º Secretario, Gustavo de Mattos Sequeira, 6 votos ; 2.º Secretario,

A. R. Adães Bêrmudes, 5 votos; 1.º Vice-Secretario, Jacintho d'A. Albuquerque de Bettencourt, 4 votos, e para 2.º Vice-Secretario, A. de Gusmão Navarro, 7 votos.

Obtiveram votos para 1.º Secretario, Jacintho de Bettencourt, 2 votos; para 2.º Secretario, Mattos Sequeira, 2 votos; para 1.º Vice-Secretario, Affonso Dornellas, 3 votos e dr. Virgilio C. Pinto da Fonseca, 1 voto; e 2.º Secretario, Jacintho de Bettencourt, 1 voto.

Direcção: — Presidente, D. José Pessanha, 7 votos; Vice-Presidente, Rocha Dias, 7 votos; Luiz Filippe de Bettencourt, 7 votos; Affonso Dornellas, 2 votos; Thesoureiro, Ernesto da Silva, 8 votos; Vogal, J. Ganhado, 8 votos; e Vogal, O'Sullivand, 8 votos.

Obtiveram votos: para 1.º Secretario, Nogueira de Brito, 7 votos; não tendo ficado por não acceitar o logar; Presidente, Rocha Dias, 1 voto; Vice-Presidente, Mêna Junior, 1 voto; 2.º Secretario, Luiz Filippe de Bettencourt, 6 votos e Alberto G. Navarro, 1 voto para 1.º Secretario.

Bibliothecario: — Alberto de Gusmão Navarro, por 4 votos; sendo tambem votados os srs. Nogueira de Brito e Dr. Virgilio C. P. da Fonseca, respectivamente com 3 e 1 votos.

Commissão Revisora de Contas: — Visconde da Torre da Murta, 8 votos; Ascensão Valdez, 8 votos e major Santos Ferreira, 7 votos.

Obteve 1 voto o sr. Luiz Filippe de Bettencourt.

Conservadores do Museu: — Dr. Felix Alves Pereira, 8 votos; José Queiroz, 8 votos; Mêna Junior, 5 votos.

Obteve 3 votos o sr. major Santos Ferreira.

Commissão Redactora do Boletim: — Ascensão Valdez, 8 votos; Dr. Arthur Lamas, 7 votos; Rocha Dias, 6 votos.

Obtiveram votos os srs. Luiz Filippe de Bettencourt e Ribeiro Christino, respectivamente, 2 e 1.

Esgotada assim a ordem da noite, foi lido na mesa o parecer da Direcção relativo á proposta da candidatura a socio effectivo do sr. capitão de engenharia militar, Augusto Vieira da Silva, illustre e distincto historiador e archeologo. Procedendo se á votação por espheras como mandam os nossos estatutos, foi o sr. Au-

gusto Vieira da Silva eleito por unanimidade de votos, socio effectivo d'esta Associação.

O sr. Nogueira de Brito disse que o sr. Jesuino Ganhado, a quem era impossivel assistir a esta sessão, o tinha encarregado de offerecer, em seu nome, um pacote contendo moedas e medallas, para serem encorporadas no nosso Museu.

A assembleia registou com agradecimento esta offerta e resolveu dar d'ella conhecimento á Secção de Numismatica e Sigilographia.

O sr. Presidente, não havendo mais assumptos a tratar, encerrou a sessão ás 11,45.

Servindo de 1.º Secretario

JACINTHO D'A. ALBUQUERQUE DE BETTENCOURT

1.º Vice-Secretario

ACTA N.º 80

Sessão de 28 de Fevereiro de 1913

No edificio historico do Carmo, pelas 9 $\frac{1}{4}$ da noite de 28 de fevereiro, reuniu-se esta Associação sob a presidencia do sr. dr. Alfredo da Cunha, secretariado pelos srs. A. de Gusmão Navarro e Jacintho d'A. A. Bettencourt, com a assistencia dos srs. dr. Felix Alves Pereira, F. Nogueira de Brito, J. A. Ganhado, Luiz de Albuquerque Bettencourt, A. C. Mêna Junior, dr. Virgilio Correia P. da Fonseca, F. S. O'Sulivand, J. R. Christino da Silva, major G. L. Santos Ferreira e D. José Pessanha.

Lida e aprovada a acta da sessão anterior, o sr. dr. Alfredo da Cunha em rapidas e amaveis frases agradece a sua eleição para o cargo de presidente, que só aceitou por ver que a Associação tinha ficado um ano sem presidente, visto êle então não poder de modo algum aceitar tal cargo; diz que embora continue com a sua vida sobrecarregada de trabalho, envidará todos os seus esforços por corresponder á confiança com que a assembleia o distinguiu.

Foi lido o expediente que constava de :

1.º — Um officio de 13 de fevereiro do sr. Ernesto da Silva, agradecendo o voto de louvor que lhe foi conferido na ultima sessão e a sua reeleição para o cargo de thesoureiro.

2.º — Um officio de 18 de fevereiro do sr. E. A. da Rocha Dias, agradecendo a sua reeleição para os cargos de vice presidente da Direcção e vogal da comissão redactora do *Boletim*.

3.º — Uma carta de 28 de fevereiro do sr. Ernesto da Silva, desculpando-se da sua ausencia á sessão, o que muito sente por ser a primeira que deve ser presidida pelo sr. dr. Alfredo da Cunha, a quem rende respeitosas homenagens.

4.º — Uma carta de 27 de fevereiro do sr. dr. Leite de Vasconcellos, remetendo o seu opusculo em resposta a um que foi publicado pelo sr. major Santos Ferreira e enviando tambem a copia de um officio que pela 1.ª Repartição da Direcção Geral de Obras Publicas e Minas lhe foi dirigido em 13 de fevereiro, comunicando-lhe que a verba concedida por portaria de 30 de abril de 1903, destinada á compra de um mosaico romano, de Oeiras, como não tivesse sido retirada até ao fim do ano economico 1902 1903, tinha caducado, não tendo tido seguimento o seu novo pedido de autorisação da referida despeza, razão por que o citado mosaico se não encontra no Museu Etnologico.

O secretario sr. Bettencourt começando por se congratular pela presença do sr. dr. Alfredo da Cunha á sessão, cumprimenta-o por isso e lê a seguinte proposta :

«Proponho que se consulte a Secção de Epigrafia sobre qual das cinco leituras das Inscriptões do Portico das Capelas Imperfeitas da Batalha, é a verdadeira.

«Como a assembleia sabe, Frei Luiz de Sousa e o Cardeal Saraiva supuzeram-nos gregas e delas deram diferentes leituras; D. Carolina Michaelis de Vasconcellos supõe-nas portuguezas; o general Brito Rebello leu-as como francesas; e o major Santos Ferreira traduziu-as como sendo escritas em provençal.

«Este parecer desejo-o para poder satisfazer um pedido que nesse sentido me foi feito por um amigo que aqui esteve com

os jornalistas inglezes e a quem prometi mandal-o para Inglaterra.»

Aprovado que se consulte a Secção de Epigrafia, ainda o mesmo secretario apresenta a candidatura a socio efectivo do sr. capitão de artilharia Augusto Botelho da Costa Veiga, lente de Historia Militar na Escola de Guerra, sendo admitida e mandada á direcção para dar parecer.

O sr. Mêna Junior justificou a sua falta á assembleia ultima; agradeceu a sua reeleição para conservador adjunto; felicita-se e felicita a assemblêia por ver na presidencia da associação o sr. dr. Alfredo da Cunha que muito presa e aprecia pelo seu talento e belo character e a quem a associação deve tantos e tão relevantes serviços.

Communica que no dia 15 de fevereiro corrente, faleceu em Madrid o sr. D. Antonio Sanchez Moguel, illustre cathedratico da faculdade de filosofia e letras, naquela cidade e socio correspondente da Associação dos Archeologos Portugueses. O extinto, que o honrou com a sua amisade, era grande admirador do nosso paiz, que visitou varias vezes, conhecendo a fundo a nossa historia patria e a nossa literatura.

Era de um trato encantador e duma erudição profunda. Em cada portugês com quem travou conhecimento deixou um amigo. Publicou um livro interessantissimo sobre assuntos portugueses, intitulado «Reparaciones Historicas» e um outro sobre Alexandre Herculano.

Entende cumprir um dever de gratidão e de justiça á memoria de Sanchez Moguel, que tanto amou Portugal, propondo que na acta se lance um voto de profundo sentimento. Foi aprovado.

Incidentemente communicou tambem que a Sanchez Moguel se deve a descoberta de sepulturas e inscrições muito curiosas na igreja de S. Roque de Lisboa.

Em Julho de 1893 foi Sanchez Moguel, com o dr. Thomaz de Carvalho, visitar o convento do Barro, em Torres Vedras. Encontrou lá um patricio, o padre José Llobera y Colls, a quem disse andar colhendo apontamentos ácerca do insigne teologo e illustre doutor padre Francisco Soares o «Granatense». Disse-lhe então Llobera que aquelle hespanhol illustre estava sepultado na

igreja de S. Roque, em uma capela do cruzeiro, a segunda do lado da Epistola, conforme dizia o padre Balthazar Telles na sua «Crónica da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal».

Em vista de tão importante esclarecimento, o dr. Thomaz de Carvalho, então provedor da Santa Casa da Misericordia, promptificou-se logo a mandar pesquisar a sepultura de Francisco Soares. Effectivamente, e segundo as indicações de Balthazar Telles, foi encontrada a sepultura do dr. Soares, que estava quasi toda occulta pelo fole do orgão que, em 1844, quando houve obras na igreja, tão «irreverente e selvaticamente collocaram n'aquelle sitio», como muito bem disse o dr. Thomaz de Carvalho em uma carta que dirigiu a Moguel.

Esta capela, que foi restaurada por completo em 1893, quando ele, orador, dirigiu as obras de restauração da igreja de S. Roque, era de D. João de Castro, senhor de Rezende, Reriz, Sul, Penela, Bem Viver, etc, etc., e de D. Filipa de Castro, sua mulher, que a mandou fazer para sepultar seu filho D. Antonio de Castro, sacerdote.

Do lado do Evangelho estão os ossos do dr. Soares e do lado da Epistola os de D. Antonio de Castro, seu discipulo.

Na capela-mór, do lado do Evangelho e por cima duma credencia de marmore liam-se algumas palavras de uma inscripção: «Esta capela he de D. João de Borja, 1.º conde de Ficalho do con.» o resto estava occulto pela credencia.

A pedido de Moguel foi arrancada a credencia, ficando a inscripção toda livre.

Este Borja é «um filho de S. Francisco de Borja», 3.º geral da Companhia de Jesus, que no seculo fôra marquez de Lombay, 4.º duque de Gandia, estribeiro-mór da imperatriz D. Isabel, infanta de Portugal e esposa do imperador Carlos v.

D. João de Borja foi em Portugal 1.º conde de Ficalho, por carta regia de D. Filipe II, e foi casado com uma senhora portuguesa, D. Francisca de Aragão.

D. João de Borja foi o principal doador das reliquias que ainda hoje se vêem na igreja de S. Roque.

Tudo isto, exposto em extracto resumido, vem relatado minuciosamente por ele, orador, na sua «Memoria» ácerca das obras que dirigiu no magestoso templo de S. Roque, em 1893-1894.

Os srs. O' Sulivand, dr. Virgilio Correia e Ganhado, cumprimentam o sr. presidente e agradecem os cargos para que foram eleitos, escusando as suas faltas á ultima sessão.

O sr. Mêna justifica a falta do sr. Rosendo G. A. Carvalheira, por motivo de serviço publico.

O secretario sr. Bettencourt propõe e é aprovado, um voto de sincera congratulação pelas melhoras do illustre consocio sr. José Queiroz.

O sr. Ribeiro Christino lê, justifica e manda para a mesa a seguinte proposta ;

«Considerando que a esta Associação deve interessar a boa apresentação dos edificios historicos da nossa cidade ;

«Considerando o mau efeito que deve produzir nos visitantes o aspeto de ruina ou incorrecção que esses edificios possam apresentar ;

«Considerando que os edificios manuelinos estão mais do que quaisquer outros em evidencia, tomo a liberdade de propôr que esta Associação, pelas estações competentes, peça se providencie sobre os seguintes casos :

1.º — Que no Mosteiro dos Jeronimos, a fachada Oeste, sobranceira ao portico, seja revestida de cantaria, na parte que ficou irregular após a já antiga demolição de anexos ;

2.º — Que esta Associação lembre ao Conselho de Arte e Archeologia da primeira circunscripção, que, respeitante á igreja da Conceição Velha, se abra um concurso para projecto da terminação da fachada superior da mesma igreja, consoante o estilo do edificio, a fim de se substituir o anacronico timpano elevado depois do seculo xviii.»

Posta em discussão, trocam impressões, além do proponente, os srs. Ganhado, Mêna e O' Sulivand, sendo por fim resolvido que seja enviada á Secção de Archeologia Lisbonense, a fim de a fazer seguir os tramites devidos, segundo o seu parecer.

O sr. dr. Felix Alves Pereira começa por felicitar a Associação pela escolha do seu novo presidente, figura que já nos seus tempos academicos de Coimbra se destacava pelas suas qualidades de intelligencia e de coração ; agradece a sua reeleição para o cargo de Conservador do Museu da Associação, e, embora não possa proseguir com regularidade os seus trabalhos já começados

de catalogação, espera poder leval-os a cabo; pede que o justifiquem das faltas dadas ás reuniões da Associação e das que poderá dar, porque lhe é impossivel ser assiduo; e propõe um voto de sentimento pela morte de um homem, que, comquanto não fosse socio da nossa Associação, era dedicadissimo á Archeologia e um zeloso apreciador das antiguidades do concelho d'onde era natural, Paredes de Coura, como o provou pela publicação de um magnifico livro com o titulo — *No Alto Minho — Paredes de Coura* —, volume illustrado de quasi de 600 paginas, no qual se occupa d'aquella interessante região debaixo de todos os aspectos archeologico, historico, demographico, sanitario, etc., sem faltar uma linguagem apurada e muitas vezes litteraria e suggestiva; era senador da republica esse valiosissimo publicista e ecclesiastico; sem embargo, estes seus merecimentos litterarios não foram lembrados nas commemorações officiaes que se fizeram a proposito do seu fallecimento e por isso estas palavras revestiam o character de reparação prestada á memoria do illustre finado por um seu amigo e apreciador.

Por ultimo o nosso consocio, referindo-se a uma parte do folheto do sr. Santos Ferreira, intitulado *Breves considerações etc.*, apresenta decalques de inscrições existentes nos museus Ethnologico (Belem), de Castello Branco e da Figueira da Foz, nos quaes se encontram os nomes *in extenso* das duas divindades lusitanas da epoca romana, AARENTIUS e REVELANGANITÆCUS, acompanhando essa apresentação de minuciosas considerações epigraphicas, tendentes a justificar a leitura das referidas lapides.

O sr. presidente dr. Alfredo da Cunha, agradecendo todas as manifestações de que tinha sido alvo, reitera o seu promettimento de se esforçar por que a Associação continue a manter bem alto as suas gloriosas tradições de cincoenta annos de existencia scientifica e encerra a sessão ás 11 e 30.

Servindo de 1.º Secretario,

JACINTHO D'A. ALBUQUERQUE D'BETTENCOURT

1.º Vice-secretario,

ACTA N.º 81

Sessão de 8 de Maio de 1913

Foi aberta a sessão ás 9 ¹/₂ da noite, tendo o signatario desta tomado a presidencia como 1.º Secretario, na auzencia do Ex.º Sr. dr. Alfredo da Cunha, secretariando os srs. Nogueira de Brito e Ornellas Cisneiros, com a assistencia dos srs. D. José Pessanha, José Queiroz, Antonio C. Mena Junior, dr. Virgilio C. P. da Fonseca, Francisco S. O' Sulivand, Eduardo A. da Rocha Dias, J. Ribeiro Christino da Silva e dr. Felix A. Pereira.

Seguidamente foi lida a acta da sessão anterior. Foi aprovada.

Antes da ordem da noite, tem a palavra o digno socio sr. dr. Felix Alves Pereira, que leu á assembleia um erudito artigo de contradita ás opiniões expressas pelo nosso tambem illustre consocio sr. Santos Ferreira, sobre a interpretação de duas inscrições latinas, artigo que se destina a ser publicado no nosso boletim e que por tal motivo aqui se não transcreve em extracto.

O sr. D. José Pessanha, em nome da Direcção, propõe á assembleia um voto de profundo sentimento pela morte do nosso dedicadissimo consocio, sr. Julio Augusto Ferreira, cujo elogio faz em breves e sentidas palavras. A este voto todos se associam sinceramente, sendo resolvido comunicá-lo á familia do falecido.

O sr. dr. Virgilio Correia comunica á assembleia o facto incoerente e extravagante de ter sido colocado por um grupo excursionista de Coimbra, no cunhal da igreja da Alcaçova de Montemór-o-Velho, uma lapide comemorativa duma excursão.

Resolveu a assembleia que se officiasse ao Conselho de Arte e Archeologia, comunicando-lhe o facto e solicitando a sua intervenção no sentido de remediar tal vandalismo.

Seguidamente o secretario sr. Nogueira de Brito leu o expediente, que constou dos seguintes documentos :

- 1.º Um prospecto da Sociedade de Propaganda de Portugal;
- 2.º Um convite impresso da Presidencia do ix Congresso Prehistorico, reunido em Lons-le-Saunier (França) convidando a

Associação a inscrever-se na lista das coletividades que adheriram para a recepção das publicações do congresso;

3.º Um prospecto do Congresso de Higiene e Salubridade das Habitações, convidando a Associação a inscrever-se;

4.º Um pedido da Librairie Nationale d'Art et Histoire, de Bruxellas, para que a Associação lhe envie uma lista dos seus membros a fim de lhes serem remetidos os seus catalogos.

Foi resolvido responder a este pedido, enviando a lista solicitada.

Ainda antes da ordem da noite, o sr. Dornellas ofereceu para a Biblioteca da Associação os seus dois folhetos «A praça de Mazagão» e «Uma planta de Ceuta» e o sr. Nogueira de Brito, em nome do digno socio sr. Pedro de Azevedo, o interessante folheto deste senhor «Anecdotas de Elvas».

Seguidamente entra se na ordem da noite, iniciando-se esta pela comunicação da Direcção.

Tomou pois a palavra o sr. Dr. José Pessanha que declarou á assembleia dever contar-se em breve, a 22 de Novembro proximo futuro, o 50.º anniversario da Associação, assumpto este de que a Direcção se occupou na sua ultima reunião, em que resolveu apresentar á assembleia uma proposta do programa a executar pelas festas comemorativas dessa notavel data associativa. Segundo o parecer da dignissima Direcção, deve constar esse programa de 3 numeros:

1.º Realização de uma sessão soléne em que se comemorará esse facto e conjuntamente se fará a inauguração dos retratos dos socios falecidos, cerimonia esta que se vae tornando inadivél, lembrando a Direcção o nome do sr. Rosendo Carvalheira para a factura do elogio desses dedicados consocios;

2.º — Publicação de um numero especial do Boletim, colaborado por todos os socios.

3.º — Exposição olisiponense organizada pela Secção de Arqueologia Lisbonense.

Com referencia a recursos pecuniarios para se levar a efeito tal programa, declarou S. Ex.^a que a Direcção tem já algumas ideias sobre o assunto.

A seguir discute-se a possibilidade de angariar esses recursos,

apresentando-se na Assembleia varios alvitres, resolvendo-se por fim conceder á Direcção amplos poderes para estudar o assunto.

O sr. Nogueira de Brito lembra que se procure isentar de franquia a correspondencia da Associação, em harmonia com o que tem conseguido outras coletividades, ficando o sr. D. José Pessanha de tratar officiosamente tal materia assim como de evitar que seja imposto sello nos bilhetes de entrada no Museu.

O sr. Dornellas lembra tambem que se suprima temporariamente a impressão gratuita de separatas e o digno socio sr. dr. Virgilio Correia fala sobre a possibilidade da Associação editar bilhetes postaes com trechos do Museu, alvitres estes que a Direcção aceitou para o seu trabalho de obtenção de recursos para levar a cabo o programa proposto.

O signatario, que presidia á sessão, apresentou á assembleia uma grande e valiosissima coleção de desenhos de brazões, enviados para a Secção de Heraldica pelo socio correspondente sr. Hypolito Maia, desenhos que foram muito apreciados por todos os presentes, que apoiaram, por unanimidade, se lançasse na acta um voto de louvor áquelle nosso prestimoso e dedicado consocio, comunicando lhe outro sim tal facto.

Não havendo mais assuntos a tratar, foi a sessão encerrada á meia noite.

O secretario

G. DE MATOS SEQUEIRA.

1913

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO

R. da Oliveira 10, ao Carmo—Lisboa

TELEPH. 2724